



Era uma vez um Rio

30 ANOS | 2021
(1991-2021) JORGE ÁNGEL LIVRAGA

*Fundamentos da Natureza Religiosa do Ser Humano
Contributos Fundamentais de H. P. Blavatsky
Não há Nada Superior à Verdade
Fundamentos da Teoria da Reencarnação*

CONTEÚDOS

3 Fundamentos da Natureza Religiosa do Ser Humano

Por Jorge Ángel Livraga

10 Contributos Fundamentais de H. P. Blavatsky

Por Jorge Ángel Livraga

15 Era uma vez um Rio

Por Jorge Ángel Livraga

17 Não há Nada Superior à Verdade

Por Jorge Ángel Livraga

19 Fundamentos da Teoria da Reencarnaçāo

Por Jorge Ángel Livraga

25 Encontro entre o Oriente e o Ocidente

Por Jorge Ángel Livraga

31 Notas sobre a Bhagavadgita

Por Jorge Ángel Livraga

Propriedade e direitos:



Revista organizada por voluntários da
Organização Internacional Nova Acrópole - Portugal

Diretor: **José Carlos Fernández**
Diretor Adjunto: **Ricardo Louro Martins**
Editor: **Henrique Roque**

Web: www.revistapandava.pt
Email: geral@revistapandava.pt



Capela de Ação de Graças em Dallas, Texas. © Pixabay

Fundamentos da Natureza Religiosa do Ser Humano

Por Jorge Ángel Livraga, Fundador da Escola de Filosofia Nova Acrópole

A erudição podemos extraí-la dos livros, dos meios de comunicação atuais, mas o contacto humano, o calor humano, o poder estar juntos somente pode nascer do coração de cada pessoa, e isso é para nós, filósofos acropolitanos, o mais importante, o fundamental. Vamos fazer uma pequena improvisação sobre o tema, que poderia dar lugar a tantas palavras e há tão poucas, talvez quase nenhuma, dado que a natureza religiosa do ser humano é inata, está em todos os homens, é algo visceral. O homem traz consigo

a possibilidade de percepção do metafísico, do ontológico; não é necessário ser ensinado. O único que podemos aprender são as formas, os símbolos.

O homem acreditou sempre em algo superior a nós, que chamamos Deus. Algo que está em nós, em tudo o que nos rodeia, em todas as épocas, em todos os lugares. Como historiador digo que sabemos muito pouco do ser humano, conhecemos apenas os últimos dias de uma imensa vida humana.

Se a História é parte suficientemente conhecida do passado humano, podemos-nos referir a muito pouco tempo e até a própria História seria um conhecimento parcial do passado humano, por exemplo, na Pré-história, a única coisa que nos resta são os utensílios que o ser humano utilizou. Mas, através destes utensílios, podemos ver que os homens que chamamos mais primitivos, se é que eram primitivos, porque poderiam ser restos de antigas formas civilizatórias, adoraram algo que está acima deles. Das formas civilizatórias mais antigas registam-se sempre rituais, elementos religiosos, altares, mesmo se eles forem primitivos, como um dólmen, um menir, uma pedra em cima da outra, isto não tem uma finalidade pragmática, sim metafísica.

O homem, através de todas as suas etapas, sentiu profundamente a presença deste mistério que é Deus, e expressou-o conforme conseguia. Nas antigas cavernas, que correspondem ao Paleolítico inferior, vemos impressões de mãos postas nas paredes e representações de animais. Nas culturas do centro da Europa, como o Crânio do Urso, vemos uma identificação com as forças da natureza, as misteriosas forças que movem as coisas, que terão sido fixadas em formas zoomórficas. Quando os homens antigos adoravam uma árvore ou um animal, não é que adorassem a árvore ou o animal em si, mas sim o que eles viam, sentiam, percebiam mais além dessa árvore, desse animal ou dessa pedra.

Da mesma forma que hoje, quando estamos frente a um crucifixo, não é que demonstremos a nossa devoção a dois pedaços de madeira, mas sim a algo que está muito mais além, que está a representar materialmente o grande fenômeno ontológico e teológico do ser humano. Poderíamos dizer que a religião nasce com o primeiro homem, com as primeiras formas humanas, com diferentes representações: Zeus-Zen é a primeira forma que encontramos entre os proto gregos, que logo deram origem a todos os deuses que conhecemos da antiga Grécia. No Egito é o Sol, a que chamamos de Rá, e na cidade de Heliópolis é a montanha vermelha, a montanha do fogo onde habita o pássaro Benu. Na China a essa primeira forma se chama Tien, é o grande azul.

No Japão torna-se lúdico sob os mitos da lebre de Inaba, que reproduz, através dos seus jogos de crocodilos marinhos, aquela força telúrica e celeste que move o homem, que o identifica com algo que está além. Nas terras altas da América do Sul é Viracocha e nas costas é Naymlap, que navega em seu barquinho de juncos¹ e habita nas ilhas onde estão as almas dos mortos. É Melkarth, entre os antigos fenícios, representante da guerra sagrada que abre caminho nas trevas. Está na Suméria, em Roma... está em toda parte.

Esta divindade se aparece, soma-se a uma série de símbolos, através de uma série de formas, mas no fundo é sempre e exatamente a mesma, seja combatendo com os hóspedes de Mahoma, seja oferecendo a mensagem de amor do cristianismo, seja com o Mânavâ-dharma-sâstra ou com a coluna de luz de Shiva, na Índia. De alguma forma, é sempre o mesmo, é sempre aquilo que percebemos, simplesmente adota formas distintas segundo o lugar geográfico e segundo o momento histórico.



Raios de luz. © Pixabay

Atualmente encontramo-nos perante o problema do confronto com uma pseudo-filosofia, -permitam-me chamar-lhe assim - que nos quer conduzir a um materialismo ateísta.

No século XIX estas ideias foram incorporadas através de um conceito que poderia ter sido o ser humano na sua trajetória histórica. Assim,

¹ Palheta ou totora (de Quechua *t'utura*) é uma planta herbácea aquática perene.

chegou-se a pensar de que o homem foi primeiro mágico, logo religioso, depois filósofo e atualmente científico. Dividiam as coisas de forma total, ou seja, quando o homem estava numa etapa mágica, só vivia o mágico, quando estava na etapa religiosa, era somente religioso, quando na filosófica, filósofo e na científica o homem somente é científico.

No entanto, as atuais investigações arqueológicas e históricas demonstram-nos que os povos muito antigos que eram eminentemente mágicos, tal como o povo egípcio, tinham também a sua própria religião, uma filosofia, uma ciência avançada, uma técnica que se reflete na construção das pirâmides, nos grandes arquivos que tinham para prever as grandes enchentes do Nilo, o enorme templo de Karnak, ou a esfinge que todos conhecemos do planalto de Gizé.

Encontramos aqui uma questão, o homem pode ser mágico, religioso, filosófico e científico ao mesmo tempo? Sim, essa é a realidade. A religião não é algo que mutile o ser humano, mas sim, potencia-o. Não é o “ópio dos povos”, pelo contrário, foi o que permitiu levantar os grandes monumentos. Por acaso a força de Deus não está por de trás das pirâmides do Egito, das pedras de Stonehenge, da catedral de Notre Dame? Não está nas obras de São Bernardo, nos caminhos dos templários, nas distintas formas religiosas que assumiram o budismo, com as escolas Maháyâna e Hînayâna? Através de todas estas formas aparece Deus, o que nós chamamos de Deus.

É completamente contraditório à lógica e à razão, pretender que o homem religioso não seja filosófico, nem mágico, nem científico, enfim, que não seja um homem culto. Completamente o contrário.

As grandes obras da humanidade, desde o Partenão até à música de Bach, obras de arte que nos impressionam vivamente, tem por de trás a força e o impulso do religioso. Quando o homem fica sem religião, quando perde a percepção daquele superior e metafísico, quando isso se mutila, ficando simplesmente como se fosse o rei dos animais.

Na realidade, o ser humano não é o rei dos animais, é algo mais. Está mais além da sua aparência física, da sua aparência psicológica, de suas ideias. O homem é um mistério. Dentro de cada um de nós há uma voz interior que está a dizer o mesmo que eu, mas talvez com outras palavras, com outras formas mais ricas, mais ilustradas, mas todos participamos nessa corrente interior ontológica e metafísica. Todos sentimos a necessidade de acreditar, de saber, de sentir Deus.

Quando um homem não tem uma boa casa, ele se refugia debaixo de alguma madeira ou de algumas pedras, quando encontra um rio trata de fazer uma ponte, nem que seja com madeira ou pedras. O homem pode solucionar as necessidades físicas, económicas, sociais, políticas, mas existe algo que está acima de tudo isso, algo pelo qual não lhe faz falta madeira nem pedra, que é sentir a presença imanente de Deus. O ser humano é religioso por natureza. Ninguém pode dizer que ele ensina religião, o que se ensina são as formas religiosas.

Mas, dizem os materialistas – esses materialistas ateus que dividiram a história em quatro partes e hoje vêm os seus fracassos – que demonstremos a existência de Deus, e assim podemos comprovar que existe. Uma forma estranha de encarar as coisas! Como vamos medir o metafísico com algo físico? Como vamos medir o ontológico simplesmente com as mãos ou com uma presença material? Porém, temos argumentos para falar com eles. Talvez essas pessoas não sejam mal intencionadas, no entanto, com a comunicação atual, a comunicação de massas que nos leva a esta sociedade de consumo completamente materializada, confunde sobretudo os mais jovens, que são vítimas dessas ideias. Ensinam-lhes a querer tocar, ver e demonstrar tudo, convencem-se de que, cientificamente temos plena segurança de tudo o que dizemos.

Analisemos brevemente alguns pontos e vejamos que naquilo a que chamamos ciência há muito de fé. Por exemplo, eu nunca vi o fundo do oceano, por tanto, se fosse a aplicar o sistema que ensinam os materialistas dialéticos, diria que não existe porque

nunca o vi. Dir-me-iam que poderia utilizar um batiscafo e ver o fundo do oceano. O que diria um homem religioso a respeito da existência de Deus? Que posso levar uma vida mística, de santidade, de oração, de boas obras e estar perante a face de Deus.

Todos acreditamos nos centros de quasar, esses centros de energia que existem no cosmos. Algum de vocês os viu? Talvez exista um astrônomo que poderia tê-los registrado com os seus instrumentos, no entanto a totalidade dos que aqui estamos nunca vimos um centro de quasar, porque não se vê de uma forma direta, nem se consegue tocar. Falamos do átomo e damos-lhes uma série de características. Porque lhas damos? Porque lemos um livro de física que diz que o átomo tem eletrões, protões e neutrões. Falam-nos do spin, de órbitas atómicas, mas ninguém viu um átomo. Dizemos que a Terra é redonda, que provas temos? Vemos que a sombra da Terra se reflete na Lua e assim podemos deduzir que é redonda, mas que me demonstrem que a sombra que vejo da Lua é a sombra da Terra. Que me demonstrem os materialistas como me pedem que eu demonstre Deus. Que me demonstrem que o que provoca as grandes pestes e doenças são as bactérias e os vírus; alguns de nós os viu através de um microscópio, muitos não, e essas pessoas o aceitam por fé.

Historicamente sucede o mesmo. Eu jamais tive o prazer de apertar a mão a Alexandre Magno, nem conheci Júlio César, não sei se fui apunhalado por Cássio ou por Bruto. Porém, assim nos ensinam e assim aceitamos o que nos ensinam. Vemos, portanto, que os nossos conhecimentos físicos, históricos ou químicos dependem em grande parte da fé que temos em determinados livros, em uma acumulação de conhecimentos que tem perdurado na humanidade.

Mas se aceitamos isso, porque não aceitamos também que a existência de Deus está provada, pelo menos em parte, pela acumulação de livros que nos falam de Ele. Que livros existem mais antigos que aqueles que nos falam de Deus? Existe algum tratado de física, de química ou de botânica que seja tão antigo como estes livros sagrados, como são os Vedas, ou a Bíblia, ou o I Ching? Existe algum livro tão velho? Não.

Os homens durante milhões e milhões de anos creram em Deus e, sim eu devo crer que a Terra é redonda porque a acumulação de quase quinhentos anos de experiência assim nos diz. Porquê não crer em Deus quando a acumulação de cinco ou dez mil anos de experiência nos ensina a existência de Deus?

Os materialistas poderiam dizer-nos que têm provas empíricas, que podem demonstrar certas coisas.



Planeta Terra. © Pixabay

Se unirem dois átomos de hidrogénio com um de oxigénio, obtém-se água, mas como demonstrar, mesmo que sejam provas indiretas, a existência de Deus?

Triste mentalidade a dos materialistas! Quem colocou no cosmos esta inteligência tão extraordinária que faz com que toda esta criação esteja em equilíbrio, onde nada se perde, onde tudo se transforma? Quem deu aos peixes das profundezas a possibilidade de serem fosforescentes para iluminar as grutas a milhares de metros da profundidade? Quem deu ossos ocos aos pássaros para que pudessem voar e ter uma grande força estrutural com um mínimo de peso? Quem ensina as formigas a fazer os seus caminhos? Quem deu a possibilidade às flores e folhas de se moverem, sem ter musculatura no sistema nervoso, para poder estar em frente ao sol e assim ter aquele fenómeno químico que lhes permite, através da clorofila, sobreviver? De onde surge toda esta inteligência? Porque é que os astros giram e giram por milhares e milhões de anos e são equilibrados nos seus eixos? Porque é que as ondas estão sempre arrebatadas na costa? Porque é que nos mesmos agora, quando estamos a falar de tudo isto temos uma série de funções automáticas dentro de nós? Porque é que bate o nosso coração? Porque é que temos movimentos peristálticos nos nossos intestinos? Não estamos a pensar nisso, não estamos a controlar, isso vem de alguma parte. Mas diriam os materialistas: "Isso vem da evolução. Com o tempo, os órgãos foram evoluindo e evoluindo".

Magnífico! Mas quem, e o que deu começo a todas as coisas? A casualidade? Não acreditamos numa casualidade, acreditamos numa causalidade. Todas as coisas têm a sua causa e efeito. Se neste momento "pegarmos", como disse um Filósofo do século passado, em alguns pedaços de madeira, um pouco de bronze, algum couro e atirarmos ao ar, um órgão descerá tocando uma música de Bach? Não cairá ao mesmo tempo os pedaços de madeira, bronze e de couro que tenhamos atirado ao ar. Então no princípio dos tempos quando ninguém poderia ter lançado para o espaço a matéria e que por casualidade se tivesse convertido nesta

grande máquina musical que hoje podemos registar através dos nossos dispositivos, que emitem sons, ondas... Sem dúvida, que terá existido e existe uma inteligência que regula todos os processos do universo.

Se existe uma inteligência que rege todos os processos no universo, que fez uma lei de ciclos que nos permite conhecer o verão e o inverno, a noite e o dia, e concebeu que para nos reproduzirmos temos que unir homens e mulheres, e assim formar o núcleo de todas as sociedades que é a família, e em conjunto podem ter filhos? Não haverá ninguém que seja possuidor desta inteligência? Não haverá um inteligente? E esse inteligente, faz o que está mais além e que utiliza essa inteligência? Não é evidente? É muito mais evidente que existência de um átomo ou que a Terra é redonda.

A evidência de Deus se vê em todas as coisas. Deus eleva-se com as montanhas e com as pedras, dá-nos a beleza e dá-nos a neve que derrete e corre através das pedras cantando, chega ao mar onde depois evaporará, formará nuvens e voltará para as montanhas e voltará a descer.

Quem deu a água? Os materialistas não disseram que era o hidrogénio mais oxigénio? Os materialistas diriam que isso se deve aos desníveis, o peso específico, etc? E quem criou o peso específico e quem pensou nos desníveis de maneira tão hábil? Quiséssemos nós, Filósofos, ter a marcha que a água tem através das pedras! A água não se cansa não hesita. Procura os caminhos para chegar ao mar, da mesma maneira que o homem, quando é homem não hesita nos caminhos para chegar à consciência de Deus.

Deus se levanta com cada árvore, no verde das suas folhas, no perfume das suas flores. Nasce com cada criança que vem à Terra como uma nova esperança. Fecha os olhos de todo aquele que completou a sua etapa da vida e morreram. Deus move as águas, as terras, faz com que as cadeiras onde está sentado resistam ao seu peso, torna-se possível que ouça as minhas palavras e que as minhas palavras sejam emitidas. Vocês não me vêm, nem eu vos vejo.

O que estão a ver é simplesmente roupa e células epiteliais. No entanto por meio de um mecanismo extraordinário, o meu ser interior comunica-se com o vosso ser interior e estamos a falar nada menos que Deus.

Assim, Deus está tanto ou mais fundamentado que qualquer outra coisa. Para quem é verdadeiramente um Filósofo, para quem ama a sabedoria para além de todas as formas, para aquele que não finge, mas é autenticamente natural, para esse, Deus está em todas as coisas, porque se houvesse uma coisa por mais pequena que fosse, onde não estivesse Deus, mesmo que tivesse o tamanho de um olho de uma agulha essa coisa o estaria a limitar e Deus não seria absoluto.

Deus está no pleno e no vazio, está no caçador e na caçada, está naquele que está de pé e naquele que está sentado, nos vivos e nos mortos, nas águas que correm e nas que estão paradas. Deus caminha connosco pelas ruas e também sonha o impossível de nós, forja o impossível, abre livros, escreve-os e lê-os... Quantos terão guardado poemas no seu coração? Quantos os terão escrito? Quantos terão quadros dentro de si? E quantos os terão pintado? Quantos sentiram a música na sua alma? Quantos os levaram para o pentagrama? Deus é infinitamente rico dentro de nós e dá-nos todas essas possibilidades.

Que devemos fazer perante esta evidência da existência de Deus? Primeiramente devemos tratar de levar uma vida que não contradiga a natureza externa e interna das coisas.

Uma vida estética por fora e ética por dentro, que tenta harmonizar-se com todo o universo, que tenta sempre trazer paz, amor e conhecimento a todas as coisas, que carrega força quando necessário, que sabe como cultivar uma árvore e derrubá-la se necessário.

Devemos tratar de esforçarmo-nos por libertarmos desta escravatura do materialismo, que nos vai corroendo por toda a parte, até que nos faz negar não só a existência de Deus, assim como nos faz

duvidar da nossa própria existência, como aqueles Filósofos posteriores a Heidegger que disse não termos alma, que temos propriedades, e que para torná-lo mais difícil, para torná-lo pseudo-metafísico, nos falam de uma “coisidade , da coisa em si”. Puro palavreado. Detrás dessa “coisidade”, detrás da existência do existente está sempre a magnífica e maravilhosa simplicidade de Deus, desse mistério ao qual chamamos Deus.

Devemos cuidar de que as nossas obras reflitam essa harmonia, devemos ser o mais possível canais dessa força interior, dessa força espiritual, e que se plasme em cada uma das nossas obras: no que pintamos, no que falamos, no que escrevemos, na forma como tratamos o próximo. Temos que nos livrar deste “boné” de matéria e medo, esta espécie de fato de mergulhador que colocou chumbo nos pés e nos faz andar de cabeça baixa e sobreacarregados. Temos de voltar a ser damas e cavalheiros, para nos sentirmos capazes de nos ajoelhar perante o mistério, diante daquele que chamamos Deus.

Temos de ser capazes de estender a mão a todos os homens, porque se Deus existe, se ele é um, somos todos filhos de Deus, todos somos representações ou emanações ou como queirais chamar, que por palavras não discutiremos.



Faternidade, Ajuda. © Pixabay

Todos somos irmãos, existe uma fraternidade, uma confraternidade real entre todos os seres humanos, e aqueles que precipitam na luta de classes e no partidário estão a atacar a própria essência do carácter humano. O que diferencia um ser humano

de um animal não é inteligência, não é a bondade, porque há animais muito inteligentes e há animais infinitamente bons. Como disse a alguns discípulos há uns dias, quem é tão bom como um cão, que lhe damos uma bofetada afetuosa ou uma chicotada, ele ainda vem abençoar e beijar a mão que lhe bateu? Quantos homens, quantas mulheres podem fazer o mesmo? Vejam quanta bondade há naquele cão que às vezes sem nos conhecer nos vê na rua e move a cauda de alegria, quando ele nem sequer sabe quem somos.

Quando é que vamos conseguir essa capacidade espiritual de nos regozijarmos quando virmos outro ser humano, de uma forma natural e espontânea?

O que nos diferencia dos animais é precisamente a percepção da existência de Deus, o sentimento daquela força misteriosa que atravessa todas as coisas. Sabendo dentro de nós que não começamos com o nosso corpo nem terminamos com ele. Sabendo que os nossos sonhos não estão perdidos, que tudo o que queremos será de alguma forma real. Conhecer a força da nossa vontade, a sensibilidade que podemos ter nos nossos corações. Ser capaz de rir e chorar. É isso que nos distingue do animal. E se perdemos essa possibilidade de percepção do divino, tornamo-nos animais, mesmo estando vestidos e embora possamos recitar de memória quais são as valências do cloro, de hidrogénio ou oxigénio, embora possamos falar de matemática, embora possamos empurrar pedras, como as empurram os escaravelhos-bosteiros no Egito.

Teremos de perceber que o que nos sacraliza e realmente nos faz seres humanos é a realidade de Deus em nós.

Caminhemos então juntos, caminhemos unidos por este caminho. A Nova Acrópole oferece-nos a possibilidade – como o seu nome sugere, “nova cidade alta”, não uma cidade alta material, mas uma cidade alta moral e espiritual – de recriar esta familiaridade filosófica que serve para estabelecer

tudo o que temos de sagrado, tudo o que é verdadeiramente válido em nós mesmos e para que possamos ver de novo os nossos filhos como filhos, os nossos pais como pais, os nossos irmãos como irmãos, nossos maridos e esposas, como maridos e esposas. Para que possamos ver de novo árvores verdes e os animais alegres. Para que possamos outra vez articular não somente as palavras que falam de economia ou confronto, mas palavras que falem de Deus, daquilo que realmente nos pode elevar.

Porque quando caímos, não só moralmente, mas também caímos fisicamente, por exemplo num poço, o que gritamos, o que dizemos? “Santo átomo, ajude-me?” Pedimos à lei de Lavoisier que nos ajude? Não. Todos dizemos: “Meu Deus!” Por que intuitivamente dizemos o meu Deus? Porque dentro de nós está Deus, porque ele está dentro e fora, porque nós o temos intuitivamente.

A Acrópole é um caminho e é um bastião contra tudo o que tenta nos animalizar e nos converter em seres longe da nossa própria realidade. A própria realidade de dizer esse meu Deus intuitivo na vida; e no último momento, nos portais da morte, que nos repita aos ouvidos, “não tenhas medo, não tenhas medo, a morte não existe”, quando conseguirmos isso, quando conseguirmos fazer todos juntos, não será necessário falar de Deus, será tão evidente como os dedos da mão.

Tentemos não ser contaminados por essas ideias materialistas que nos levam ao confronto, que nos levam ao genocídio, ao fanatismo, ao ateísmo. Sejamos verdadeiramente Filósofos buscadores da verdade, amantes da sabedoria. E que verdade maior do que a de Deus, que sabedoria maior do que a de nos conhecermos a nós mesmos!

Neste momento negro da história em que as forças do materialismo avançam por todo o lado, tenhamos a coragem, como o homem que cai no fosso para gritar alto: Meu Deus!



Helena Blavatsky e o Coronel Olcott em 1888. © Wikipedia

Contributos Fundamentais de H. P. Blavatsky

Por Jorge Ángel Livraga

Fundador da Escola de Filosofia Nova Acrópole

Desde a minha primeira juventude, há mais de quarenta anos, os ensinamentos de H. P. Blavatsky, vertidos através dos seus livros editados e de cadernos e apontamentos de tiragem limitada, fascinaram a minha alma e a minha inteligência. Os seus conhecimentos pareceram-me – e ainda me parecem – verdadeiramente colossais, de uma omnibrangência e de uma profundidade incríveis para alguém nascido no materialista século XIX e não no Século de Péricles.

Mas um filósofo, se quiser sê-lo e procurar a verdade onde ela se encontrar, deve ter em atenção as suas simpatias e as suas antipatias, pois estas atuam como verdadeiras lentes coloridas entre o observado e o observador. Por isso, quero pôr neste artigo os conhecimentos e as teorias fundamentais que H. P. Blavatsky nos deixou, necessariamente resumidos e sem comentários. Numa obra tão vasta, complexa e desordenada como a dela, é muito difícil extrair uma lista de temas, mas vamos tentar.

DEUS

Explica-nos, repetidamente, que esta grande percepção mística daquilo a que chamamos Deus é imanente ao estado humano, não concebe homens ateus, pois a perda da captação do Divino levaria o ser humano a um estado de hibernação espiritual e a sua humanidade seria somente potencial. Explica de que maneira os diferentes povos, em épocas distintas e regiões dissímeis, revestiram com a sua própria forma de vida essa percepção mística. E que os confrontos religiosos são frutos podres da cegueira humana, pois, aqueles que poderíamos denominar de Livros Sagrados, mesmo nos poucos originais que nos ficaram deles, não se contradizem. Deste modo, os homens do deserto imaginam um inferno quente e os das periferias polares, vêem-no como escuro e gélido.

Para H. P. Blavatsky não existe um Deus pessoal. A sua posição é nitidamente panteísta. Tão-pouco acredita que alguém se possa apropriar do facto de representar Deus sobre a Terra. Melhor, afirma que qualquer ser humano, à medida que vai despertando para a parte espiritual, participa cada vez mais nessa Essência Divina e, portanto, percebe a sua Presença.



Helena Petrovna Blavatsky. © Creative Commons

Deus, se nos referimos a Aquilo, é inominável com nome próprio e inconcebível racionalmente, é um Mistério. O homem somente pode entender o inteligível e, assim, dá atributos a Deus muito parecidos aos que, em cada época e lugar, foram considerados como melhores. E chegou-se a tal extremo, que muitos povos afirmaram que Deus lhes pertencia e que havia povos eleitos, convertendo os seus inimigos em povos malditos aos quais esse "Deus" de uso particular, afogava, pisava, queimava, destruía.

H. P. Blavatsky mostra-se contrária a toda a discriminação baseada em crenças, pois sabe que todas elas são relativas no tempo e no espaço. Ninguém possui a Verdade, mas uma visão particular e deformada desta. Rejeita todas as inquisições, seja a de Asoka ou a de Torquemada. Recorda-nos que as nossas próprias crenças estão condicionadas, geralmente, ao lugar onde nascemos, à época e ao ambiente familiar. É inimiga de todo o racismo, especialmente do racismo espiritual.

O que o homem pode perceber, misticamente, são concreções e intelectualizações do que presumimos como "Aquilo". Daí que coincide e reproduz o pensamento antigo de que existem "Deuses Intermediários", criaturas inumeráveis, normalmente invisíveis, que regem a natureza dos homens e das coisas. Nesta hierarquia, nenhuma coisa material escapa de estar "cavalgada" por uma entidade de natureza mais subtil, desde os átomos às galáxias. Além disso, existem Mestres de Sabedoria que oferecem a oportunidade do Discipulado.

COSMOGÉNESE

Ressurge, nos seus ensinamentos, aquilo que o Ocidente platónico conheceu como *Caos + Theos = Cosmos*. O Cosmos é, como disse o neoplatónico Marcião, um Macróbios, uma grande forma viva, que se renova constantemente como o corpo de qualquer mineral, vegetal, animal ou humano. O próprio homem não seria nada de especial neste Cosmos, mas uma das suas tantas manifestações passageiras no plano físico. O Cosmos não tem dimensão inteligível, mas, no entanto, isso não o condiciona a ele como Cosmos, mas a nós, como

Homens. O nosso conhecimento do Cosmos cresce ou decresce segundo os nossos avanços ou retrocessos científico-astronómicos. Em último caso, o que temos do Universo, é uma imagem, um conceito variável dentro da História. Transbordando esse conhecimento de época que reflete a cultura e percepção de cada tipo e momento do devir humano, existem velhos ensinamentos, presumivelmente entregues pelos Deuses aos homens. H. P. Blavatsky utiliza maioritariamente o *Livro de Dzyan*, tibetano. Estes ensinamentos descrevem o Cosmos visível como aquilo que dele podemos perceber no nosso atual estado. Haveria uma imensa complexidade cósmica, com uma infinidade de formas de matéria e energia. E isso seria tal como o “nossa cosmos” ao qual haveria outros mais ou menos semelhantes, inconcebíveis para a vulgar razão humana. As partes, bem como o conjunto do Cosmos, nascem, vivem, reproduzem-se e morrem, como qualquer ser vivo. Expande-se e contrai-se (*Pralaya* e *Manvantara*) numa respiração (*kriya*) cósmica baseada na harmonia por oposição.

Através dos seus diagramas pedagógicos de “Cadeias”, “Globos” e “Rondas”, H. P. Blavatsky trata de explicar o «Caminho das Almas», já que as velhas tradições mostram como as almas vão despertando (evoluindo?) através de milhões de reencarnações e passam de planeta em planeta, para ocuparem corpos cada vez mais perfeitos, desde as obscuridades inconcebíveis da matéria primordial ultrapesada, até às pedras, aos vegetais, aos animais, aos homens, aos deuses, etc.

Os planetas que menciona não são, necessariamente, os que existem agora, mas os que existiram, já destruídos e os que haverá, ainda inexistentes. Tudo isto relacionado com a “Linha Humana”, pois há muitas outras “linhas” de vida no Cosmos; por exemplo a “Angelical”, que anima os Espíritos da Natureza ou Elementais, certas pedras, vegetais e animais. O porquê e o último para que é que existe este Cosmos... “nem o maior vidente dos mais altos céus o sabe”, segundo os velhos textos. Mistério, Mistério dentro de Mistério. O princípio e o fim escapam à percepção humana, mesmo às exaltadas pela Iniciação e pelo Adeptado.



Escadaria de Jacob, William Blake. © domínio público.

ANTROPOGÉNESE

H. P. Blavatsky rejeita as ideias de Darwin tão em moda no seu tempo... e tão exageradas pelos seguidores deste sábio cientista-viajante. Ela sustenta as velhas doutrinas que se referem a uma Humanidade que “desembarca” de maneira espiritual de outro planeta, então vivo, a atual Lua, e que se vai corporizando à medida que a nascida Terra se vai condensando. Esta é uma etapa de um longo caminho. Já na Terra física e com corpo físico, o Homem desenvolve-se, como tal, há 18 milhões de anos. Primeiro, como um gigante intelectualmente limitado, que alberga sub-raças que possuíam um olho no meio da frente: os Ciclopes. Há 9 milhões de anos, o Homem já se encontrava num estado parecido ao atual, embora o tamanho dos corpos de alguns grupos fosse gigantesco. Há um milhão de anos, estava em pleno apogeu a chamada “Civilização Atlante”, que tinha a sua capital num continente semelhante à atual Austrália e que existia entre o escudo Continental Euro-asiático e o Americano. Estes Atlantes possuíam grandes avanços técnicos, tendo máquinas voadoras (*Vimanas*) movidas por uma unidade

antigravitacional e “remos” de impulsão, que eram, na realidade, uma espécie de motores de reação. As máquinas de guerra tinham formas semelhantes aos pássaros e lançavam “ovos” sobre os exércitos inimigos, suficientes para matar um milhão de soldados em campo aberto. Também possuíam raios paralisantes. Os reis seguiam estas batalhas através de “espelhos mágicos” que nos fazem, no momento de escrever este artigo, recordar os atuais aparelhos de televisão, o que H. P. Blavatsky desconhecia na sua época (1831-1891).

Este continente, devido a catástrofes geológicas provocadas, em parte, pelo uso abusivo do *Marmash* (algo semelhante à energia atómica atual?) foi-se despedaçando, embora ficassem focos coloniais em várias partes do Globo. A grande ilha, com a sua capital, continuou a fragmentar-se até se converter na Poseidónis que os egípcios mencionaram a Platão e que este descreve no *Timeu*. O último resto afundou-se há cerca de 11.500 anos nas águas do oceano que recebeu o nome de “Atlântico” no século CII a. C. No mundo, ficaram representantes da Raça dos Gigantes, Terceira Raça, que são os atuais negros; os descendentes dos Atlantes, peles vermelhas americanos e peles amarelas asiáticos, os da Quarta Raça; e os atuais donos do mundo, os da Quinta ou Ária: os brancos atualmente sediados na Europa, América e Ásia.

LEIS NATURAIS

Utilizando uma terminologia inspirada no sânscrito, H. P. Blavatsky menciona duas leis fundamentais: o *Dharma* e o *Karma*. O *Dharma* é uma lei universal que conduz tudo até uma finalidade, um destino. É como um caminho (*Sadhana*) programado por Deus para todos. Aquele que tenta sair do *Dharma* é rejeitado dolorosamente, aquele que se ajusta ao *Dharma* não sofre. A possibilidade dos seres se desviarem é múltipla. No Homem, esta possibilidade é dada pelo seu relativo livre arbítrio. A Roda das Reencarnações (*Samsara*) proporciona-lhe a oportunidade de atuar, correta ou incorretamente; qualquer excesso, em ambas as direções, gera *Karma*, “Ação”, na qual as causas se unem inexoravelmente aos efeitos. Para H. P. Blavatsky, o perdão não passa de um ato de

cortesia, de nobreza, com efeitos meramente psicológicos. H. P. Blavatsky tão-pouco acredita na absolvição dos pecados, mas sim na compensação através de obras piedosas. Como ninguém pode “cobrar” nem “pagar” todo o Karma acumulado numa só encarnação, as Sementes Kármicas (*Skandas*) levam a novas reencarnações, as quais não terminam (por um espaço de tempo), até que não se esgote o motor kármico. Então, atinge-se o Nirvana (fora do bosque da pluralidade), que não é um verdadeiro fim, mas uma pausa no Caminho das Almas.

Todas as Almas são diferentes na sua aparência, mas essencialmente iguais para além das raças e sexos. Todas têm os mesmos direitos, segundo os méritos adquiridos. No “Caminho das Almas” pode-se progredir ou não, de acordo com as maneiras de pensamento, sentimento e ação. Mas, no caso humano, há um limite para isso (segundo o programa do *Dharma*) e não se pode baixar à altura dos animais nem ascender à dos deuses. Um ser humano reencarna sempre num ser humano, na raça e sexo que mais lhe convenha ou necessite a sua sede de experiência (*Avydyā*).

Como no mito do Golfinho nos Mistérios de Elêusis, tudo desaparece com o tempo, para voltar a reaparecer; mas nada cessa, nem morre realmente. Simplesmente se submerge e emerge... e assim, ciclicamente, pois no nosso mundo tudo é cíclico, tudo é curvo no transcendente e tudo se reencontrará numa Unidade de Destino.

VIDA POST-MORTEM

Para H. P. Blavatsky, os humanos continuam a ser mais ou menos os mesmos, estejam encarnados ou não. Cumprem o seu ciclo inexorável de nascimento, permanência e morte. Não foi muito adepta de tocar em detalhe este tema, pois no seu tempo proliferava o Espiritismo, que ela considerava negativo. Segundo ela, o que acudia ao corpo dos médiuns, nos casos verdadeiros, não era mais do que um resto astral ou “casca” do defunto, e outras vezes um Elemental que usurpava a sua identidade; tudo isso carregado “vampiricamente” pela contribuição psico-magnética dos assistentes.

Como tantos livros antigos, e mesmo o próprio Platão, H. P. Blavatsky recomendava vivamente absterem-se deste tipo de reuniões. Depois da morte sobreviria (estamos a referir-nos a casos gerais) um sono mais ou menos profundo e mais ou menos prolongado, de acordo com o nível do falecido. O despertar seria paulatino e a Alma, ou Consciência, tanto iria até ao mundo dos vivos, se por ele ainda estivesse atraído, como para algum plano subtil. Os mais elevados espiritualmente iriam para o *Devachan* (Cidade dos Anjos) onde se experimentaria a paz e a felicidade. Aqueles que não tivessem valores espirituais e estivessem muito apegados às coisas terrestres, iriam para o *Kamaloka* (Lugar dos desejos), no qual as ânsias insatisfeitas torturariam, de alguma forma, os que estivessem nesse estado. Estes últimos procurariam os contactos espiritistas e reencarnar muito depressa.



Licença. © Pixabay

A forma em que se reencarna é semelhante ao que Platão explica no seu *Mito de Er*, no final da *República*. A novidade está em certos detalhes, como por exemplo, no facto das almas sedentas de encarnar girarem naquilo que os Neoplatónicos chamavam “Cinturão de Vénus”, que é como um anel em redor do Planeta, que coincide, aproximadamente, com o Equador magnético terrestre (coincidiria com a que agora é conhecida como Banda de Van Hallen). Tal como o apresenta Platão nas suas obras, o desejo dos mortos impulsiona a libido sexual dos casais aptos para a reprodução. A alma entraria no corpo do feto a nível humano só ao quarto mês

de gestação. Pouco a pouco, os princípios etéreos e mais subtils se introduziriam, trazendo as suas vivências anteriores no curso dos anos, tendo momentos especiais aos 7 anos de idade, aos 14 e aos 21.

Também, na morte natural por velhice, os princípios humanos adormecem paulatinamente, começando de baixo para cima, ou seja, pelo corpo físico, o que, num processo de retardamento, vai permitir aos restantes veículos irem-se preparando para largar este mundo. H. P. Blavatsky não dá muita importância a este processo, antes pelo contrário, acredita que, na velhice, cresce a sede de desencarnar. (Obviamente, dão-se muitos casos diferentes, provocados pela deformação produzida pela pressão do mundo circundante). Ela não era partidária da morte violenta nem do suicídio.

FENÓMENOS PARAPSICOLÓGICOS

Tinha para com eles um sentimento de desprezo. Somente acreditava que os povos, na sua incapacidade de entender certas verdades, eram animados e inspirados por este tipo de fenómenos. Ela afirmava que não eram “sobrenaturais”, pois nada pode escapar da Natureza. Desde logo não acreditava em milagres, nem atribuía aos aptos para a concretização destes fenómenos (dos quais ela foi um extraordinário exemplo) nenhuma valorização espiritual. Tão-pouco aceitava que alguns destes prodígios procedessem do Bom e outros do Mau. Considerava-os como algo mecânico, deixando a sua classificação moral ao sentido e intenção de quem os executava ou os aproveitava. Não os estimava como excepcionais, mas potenciais em todos os homens, sejam espirituais ou não.

Repetimos que tratar de condensar num artigo jornalístico todas as contribuições desta grande filósofa e maga do século XIX, é impossível, mas confiamos em ter despertado a curiosidade do leitor de modo a promover um contacto ou um aprofundamento dos conhecimentos, recompilados e relacionados por analogia, por este ser tão estranho e humanamente incompreensível que foi H. P. Blavatsky.



Meandros no rio. © Pixabay

Era uma vez um Rio

Por Jorge Ángel Livraga

Fundador da Escola de Filosofia Nova Acrópole

Era uma vez um rio –diz uma velha tradição oriental– que corria mansamente no seu cómodo leito de barro. As suas águas eram turvas e nelas viviam peixes da cor do chumbo que buscavam o seu alimento no lodo. Como era muito pouco profundo, nenhum ser humano ainda se tinha lembrado de fazer uma ponte sobre ele, conformando-se apenas em colocar algumas pedras no seu leito que improvisavam caminhos humidificados pelas lentes águas. Os animais dos bosques vagueavam pelos lugares menos profundos, revolvendo as entranhas do rio com as suas patas. Para beber iam ao lago mais próximo, porque as águas do rio eram escuras e cheiravam mal. Mas o Deus Indra, que tudo vê, apiedou-se do Génio do rio, pois sem ser tolo, comportava-se como tal, entorpecido

pela inércia e comodidade, já acostumado a que pisassem o seu corpo, que era húmido e hediondo como uma víbora morta. Com o passar do tempo, o rio conformou-se com os caminhos mais suaves e evitava os declives violentos. Era mudo, feio e as belas Ondinas e Fadas dos ribeiros não se aproximavam dele, nem sequer para fabricarem os seus espelhos mágicos nas noites de Lua Cheia.

Um dos Servidores de Indra secou a terra à frente dele e levantou-a de forma que o obrigou a desviar-se. Ao princípio assustado, o velho rio começou a gemer, mas logo descobriu o prazer de saltar sobre as pedras e, com um rugido, abateu árvores e abriu caminho, saltando abismos e arremetendo contra enormes penhascos.



Indra, deus indiano Galeria Nacional de Vitória – Arte asiático. © Creative Commons.

A sua água fez-se límpida ao filtrar-se através das areias e pedregulhos; o seu fundo voltou a ser de pedra e, às vezes, de metal, cujos veios brilhavam no seu leito como os ígneos látegos de Indra quando conduz os Maruts. Do seu seio, outrora escuro e lóbrego, nasceu a espuma branca, pois esta não aparece se não houver luta, se não houver purificação. Nele habitaram peixes coloridos que sobem o rio e as claras lagoas, que ia deixando nos seus flancos, recortadas em formidáveis rochas, foram o assombro dos Elementais das águas. Com o titilante reflexo das estrelas, as Ninfas fizeram os seus pentes mágicos e extraíram dos profundos remansos os espelhos encantados.

Os humanos já não o pisaram, mas elevaram arcos de triunfo sobre ele, a que chamaram pontes.

Os animais cruzavam-no nadando, e logo comentavam, limpos e brilhantes, a força do rio. Por fim, quando chegava à sua Mãe Ganga, era recebido com ovações pelas outras águas que a ele se abraçavam gritando de alegria. E vendo tudo isto e outras coisas mais que não vos conto, Indra pensou em muitos seres humanos que não aproveitam as suas oportunidades e continuam a ser rios lentos e barrentos, carentes de valor e de glória. Então, duas lágrimas correm pelo seu rosto candente, e assim aparecem nuvens, e tudo na natureza se torna cinzento, lamentando a estupidez humana.



Imagen de Buda. © Pixabay

Não há Nada Superior à Verdade

Por Jorge Ángel Livraga

Fundador da Escola de Filosofia Nova Acrópole

A verdade não rende honras a nenhuma sociedade antiga ou moderna.

A sociedade deve render honras à verdade ou perecer.

S. Vivekananda

É notável como uma pessoa no seu sã juízo, que frete a uma maçã não se atreveria jamais a afirmar que está diante de um parafuso ou de uma garrafa, mente sobre outras coisas mais importantes com a maior desenvoltura, subvertendo a sua natureza, negando evidências ou afirmando as inexistentes. É óbvio que mentir é um arrebatamento de loucura

mais ou menos passageiro e que, por ser habitual, deixámos de considerá-lo seriamente.

Dado que cada ser ou cada coisa tem a sua natureza que lhe é própria, e que as relações entre os seres e os entes também têm características privativas de cada um, o tergiversar tudo isto ou parte disto é um crime ecológico a nível mental e psicológico; é uma burla a Deus e à inteligência dos Homens. Na Antiguidade clássica, a mentira, quando exaltava um ato heroico ou vestia um traje de lantejoulas ao quotidiano labor de produzir e consumir, chegou a ser considerada como uma espécie de criação

artística e, ainda hoje, muitos romancistas recriam-nos, com as suas fantasias, situações e factos imaginados. A poesia, a música e o teatro “forçam” de alguma maneira quase divina os tons cinzentos da vida diária. Mente Gustavo Adolfo Bécquer quando diz à sua amada: “Poesia és tu”? Isto é digno de ser meditado, pois, talvez, só esteja a enriquecer e descobrir facetas escondidas da realidade.



Swami Vivekananda. Imagem de Buda. © Creative Commons.

Mas não é a este tipo de “mentiras” que me quero referir, mas a essas outras, geralmente mal-intencionadas, que deformam e afeiam a realidade e as pessoas. Que não estão enquadradas num marco de bondade, mas pelo contrário; que tratam de menosprezar e inventam maldades e coroam com insensatezes inexistentes as faces dos justos e dos bons. As que, alimentadas pelo egoísmo e pela vaidade, fundem no céu da crítica malvada os mais nobres esforços, os mais belos êxitos. Ou disfarçam os lobos de ovelhas para que possam comer facilmente o rebanho.

Essa é a mentira quimicamente pura, sem justificação moral alguma. E sem sequer justificação prática, pois a mentira, como o porco, tem “pernas

curtas” e mais cedo ou mais tarde é descoberta e ferida pela espada flamejante da verdade.

Os Filósofos devem fazer um verdadeiro culto à verdade e não “romancear” sobre os atos e as vidas de outras pessoas, que são profundamente prejudicadas pelas mentiras que sobre elas se endossam, pois a dinâmica psicológica da mentira não é fácil de deter e sempre encontra cúmplices conscientes ou inconscientes, que a potenciam até limites de irrealdade que lindam com o horror e a perversão traumática.

Se a verdade é uma virtude, a mentira é um vício. E como todo o vício, deve ser combatido no individual e no coletivo.

Só sendo portadores de uma GRANDE VERDADE, seremos realmente úteis nas Mãos de Deus e cumprimos o nosso destino filosófico e redentor. E essa “Grande Verdade” não só é subjetiva e metafísica, mas necessita ter os pés na terra; ou seja, necessita que cada um de nós seja veraz e autêntico, limpo em corpo, mente e alma, pois a pureza é a forma objetiva da verdade. O puro não se corrompe. A imortalidade consciente é o ater-se sempre à verdade, sem desvarios nem criações tumorais no seu seio.

A verdade, por humilde que pareça ou seja, é sempre mais forte e duradoura que a mentira, pois esta, ao ser ausência de verdade, jamais passa de ser uma bolha gasosa dentro da circulação do sangue quente e pleno da Vida. Pode magoar e ainda matar fisicamente, mas jamais toca as origens espirituais que fazem com que as coisas e os seres se manifestem uma e mil vezes até alcançar a experiência, o discernimento, a mística, que transmuta todo o chumbo em ouro... num Atanor Celeste onde não cabem as mentiras.

Nenhum mentiroso tem direito a dizer que acredita em Deus pois, se de verdade acreditasse, não deformaria a Sua Obra e ater-se-ia à Sua Lei. A prática da verdade é um dos caminhos mais naturais da espiritualidade e da ascese. Eu creio que não há nenhum exercício, em nenhum Plano da Natureza, que a substitua.



Tanka tibetano com uma representação da roda da vida. Imagem de Buda. © Domínio Público

Fundamentos da Teoria da Reencarnação

Por Jorge Ángel Livraga

Fundador da Escola de Filosofia Nova Acrópole

Este tema é fundamental para todos nós porque é um dos temas abordados pela Filosofia, ou seja, a procura da Sabedoria.

Hoje, na nossa civilização atual, há um grande desenvolvimento da ciência e especialmente da tecnologia. Os meios mecânicos que possuímos

permitem-nos mover-nos rapidamente de um lugar para outro; permitem-nos comunicar; permitem-nos estar em contacto uns com os outros. Mas estes meios mecânicos, e esta alienação científica no sentido materialista e prático tiraram-nos a iniciativa para podermos entender e compreender os fenómenos inexoráveis da Natureza.

No entanto, houve outras épocas e outros tempos; houve outros homens e outros povos que tiveram mais tempo ou mais predisposição, ou mais gosto por estas coisas. Mas hoje, sobre os problemas fundamentais do Homem, somos tão ou mais ignorantes do que o homem que pintou nas grutas de Altamira.

Portanto, continuamos a fazer uma velha pergunta que surge de novos lábios: o que se passa connosco? o que se passa com a nossa vida? quem somos? de onde vimos? Para onde vamos?

Diferentes religiões de diferentes épocas tentaram resolver este problema. Deram ao Homem, através de símbolos – como o próprio Jesus diz no Novo Testamento – uma série de verdades.

Mas é óbvio que na nossa alienação atual e prática, no nosso mundo quotidiano, a nossa consciência está adormecida para os problemas simbólicos. Apenas algumas perguntas gritam desde dentro: tudo se dilui quando morremos? a nossa consciência se perde no nada? vamos a algum lugar de prova? existe um Inferno? existe um Céu? vamos voltar de novo a este mundo?

Ante isto, quero abordar esta teoria sobre a possibilidade de voltarmos a este mundo. É uma possibilidade filosófica que, a propósito, não é uma ideia nova.

Todas as culturas e civilizações antigas, tanto quanto sabemos, tinham à sua disposição mecanismos de conhecimento que viam esta possibilidade da reencarnação como uma coisa factual.

Vejamos alguns exemplos. Na América, entre os astecas, havia a crença de que a Alma regressaria a este mundo. Disseram que os homens que morriam, mas que estavam muito ligados à terra, ficavam prisioneiros do encanto da terra.

Mas eles defenderam que as Almas que tinham sido libertadas do mundo, aqueles que já não tinham ligações no mundo, aqueles que acreditavam que havia “algo mais”, e mais distante, iam para o que hoje chamamos de fotosfera do Sol, ou seja, que

iriam viver na Luz, como beija-flores baixo a forma de Huitzilopochtli.



Deus azteca Huitzilopochtli. © Dominio público

Os antigos egípcios também acreditavam que os Homens podiam reencarnar. Todo o Homem quando morria, tinha uma prova que transcorria no “Aduat”. O Aduat, uma espécie de purgatório, era um lugar onde o coração do falecido era pesado numa balança e uma série de perguntas eram feitas às quais ele tinha de responder. Aqueles que eram subtils o suficiente, podiam chegar ao Amen-Ti, isto é, a Terra de Amon, o lugar mágico onde cada um encontrava o que queria encontrar. O lugar maravilhoso onde os lótus nunca se fecham; onde os barcos não se afundam; onde os beijos não são traídos; onde os alimentos não são corrompidos; onde as palavras não são perdidas; onde todos os homens têm o dom das línguas e se entendem... Mas aqueles que, sem esta força espiritual, estavam aprisionados à ânsia de regressar à Terra, não podiam passar o Aduat e tinham de regressar novamente às experiências terrenas.

Os chineses, os gregos e os romanos indicam-nos o mesmo. Inclusive os primeiros cristãos, até ao Concílio de Trento, terão em algumas das suas

linhas de conhecimento a afirmação de que os homens regressam à terra, e mesmo de que Jesus Cristo foi uma espécie de reencarnação de um dos profetas anteriores. Podemos, portanto, constatar que este argumento atravessa a história.

É talvez na Índia que podemos compreender e adquirir os conhecimentos mais precisos, hoje, sobre este tema da reencarnação.

Os hindus, dentro das suas várias religiões ou seitas, vieram afirmar que no mundo todas as coisas reencarnam, todas as coisas revivem.

Ao contrário do que se acredita, os hindus fizeram filosofia e dialética antes dos gregos, e tentaram demonstrar, não apenas através da fé, mas também através do raciocínio, que o Homem poderia viver novamente. Disseram que todas as coisas são cíclicas. Falavam de grandes períodos de tempo ativo a que chamavam Manvantaras e outros ciclos de sono ou Pralayas. Consideraram que esta atividade – que atribuíram à expiração e inspiração de Brahma, ou seja, à respiração da Divindade – também existia em todas as coisas, tal como estamos acordados em algumas horas por dia e a dormir em outras horas.

Há milhares de anos, já tinham descoberto as leis de Lavoisier: “Na Natureza nada se perde, tudo se transforma”. Eles tinham notado a travessia cíclica das estrelas e a forma repetida como o Sol nos ilumina todas as manhãs. Daí deduziram que todas as coisas eram cíclicas; que todas as coisas eram, em parte, irrepetíveis e, em parte repetidas e voltaram a ser.

A continuidade e a eternidade não seriam, para o pensamento hindu, um estatismo ou a permanência de uma coisa, mas o devenir contínuo das coisas.

O conceito de “duração” e “eternidade” não estaria na permanência objetiva de algo, mas na permanência de uma mudança constante cujo propósito é misterioso; na utilização de um impulso espiritual interior que move todas as coisas até ao seu ulterior fim.

Este impulso está a acorrentar uma sequência de fenómenos. Os hindus falam-nos da lei do Karma: a lei da causa e do efeito. Toda a coisa, tudo o que acontece é o efeito do que aconteceu antes e a causa do que vai acontecer a seguir. Não há nada, nenhuma palavra, nenhuma atitude, nenhuma criatura, nenhum mundo, nenhum estado sozinho e único no Universo, mas fruto do que aconteceu e o germe do que vai acontecer.

Esta lei de ação e reação foi enquadrada numa direccionalidade cósmica, numa Lei; isto é, que as coisas existem e se movem por alguma coisa. E esta é outra pergunta que todos fazemos: porque é que tudo o que acontece como acontece? Ante a incompreensão de certas injustiças aparentes, o Homem cai então numa forma de ateísmo, porque se pergunta: Deus é justo? Deus é bom? Se Deus é justo e bom por que há homens que nascem num berço de ouro enquanto outros nascem numa pocilga? Que tipo de Deus injusto dá à luz uma criança doente ou cega e, ao contrário, dá aos outros todas as possibilidades?

Esta é uma pergunta antiga. Por isso, os filósofos e metafísicos hindus acreditavam que havia um “caminho” a que chamavam Sadhana, e uma lei, a que chamavam Dharma. Uma lei universal que faz com que todas as coisas vão a algum lugar com um propósito pré-determinado.

Os hindus acreditavam então, na reencarnação das Almas. Mas não numa reencarnação simplista, segundo a qual um homem morre, está um tempo num mundo subtil e regressa novamente. Porque se fosse tão fácil, todos recordaríamos o que fomos de uma forma clara.

Para compreender o pensamento hindu é necessário lembrar que eles pensavam que o Homem não é uniforme, mas composto por sete veículos diferentes. Alguns destes veículos eram os que reencarnavam e outros não reencarnavam.



Buda no templo de Wat Pha Sorn Kaew, Tailandia. © Pxfuel

Os seus livros antigos afirmam que o Homem está constituído por sete envolturas em diferente estado de vibração. Partindo de baixo para cima, teríamos em nós algo que é comum com as pedras, que é comum com todas as coisas à nossa volta: é o corpo físico, ou Stula Sharira, aquilo que tem densidade. Mais além – e dizendo além, quero dizer outra dimensão – seria Prana Sharira, isto é, o corpo vital ou energético; que diferencia um homem vivo de um homem morto ou de um homem que tenha acabado de morrer.

O terceiro veículo, partindo de baixo, é o Linga Sharira, que normalmente no esoterismo ocidental é chamado de “o duplo” ou o duplo psíquico. Isto é o que temos em comum com os animais; enquanto Prana Sharira é o que temos em comum com vegetais, e Stula Sharira, com os minerais.

Na constituição do Homem estabelece-se toda uma relação com a constituição da Natureza: a parte física, com os minerais; a parte da energia, com os vegetais; a parte psíquica-animal, com os animais: aí residem as nossas paixões, os nossos sonhos, as nossas fantasias.

Depois existe um Kama-Manas, isto é, uma “mente do desejo”, uma mente egoísta que teme, assusta e treme quando adverte que algo lhe vai acontecer.

Mais além do anterior, está o Manas ou a mente superior. Esta mente é serena, constante. Depois vem o veículo chamado Budhi, que é uma intuição inteligente, sem pensamento distorcido; e, finalmente, Atma, a Vontade pura que reflete a Divindade no Homem.

Os primeiros quatro corpos ou veículos mencionados seriam, para os hindus, mortais e desintegrarse-iam com a morte. A morte seria, portanto, um desgaste que começa com o nascimento. Desde de que nasce até que morre, o Homem vai morrendo pouco a pouco, até que finalmente chega o colapso final, no qual perderia a parte física, a parte enérgica, a parte psicológica e a parte mental-egoísta.

Mas restam os três planos mais profundos de consciência: o Manas, o Budhi e o Atma, que podem servir de escala para remontar ao céu; existiria no Homem uma parte individual, que não pode ser dividida e que é a que reencarna. Reincarnado baseado nas “Skandas”, isto é, as causas da ação, o Karma acumulado.

Agora podemos entender por que às vezes nascemos num berço de ouro e às vezes num estábulo. Porque do ponto de vista filosófico, nem sempre se aprende mais quando nasce num berço de ouro do que quando nasce num estábulo.

Um homem pode nascer de uma forma ou de outra e pode sempre extrair uma experiência. Mas essa experiência é limitada, porque se ele nascer numa família de camponeses esse homem terá a experiência do camponês, mas falta-lhe a do artista, do soldado, do político, do poeta.

Assim, esta parte desprovida de experiência regressa à terra para ocupar os corpos das crianças que nascem; voltar para novas experiências, novos encontros, novas vibrações biológicas.

O que reencarna não é todo o Homem, mas uma parte, a parte superior ou espiritual, que é geralmente subdesenvolvida. O nosso tempo é dedicado a problemas materiais e não ao desenvolvimento do Eu Superior...

Assim, as leis que regem o Destino, de acordo com os hindus, fazem com que apenas a parte superior reencarne. Mas da parte superior temos muito pouca consciência. Como disse Platão, que também explicou a reencarnação; ele fala das águas do Leteo, do rio que nos faz invadir o esquecimento. Quando se bebe estas águas, o homem renasce sem se lembrar de praticamente nada; às vezes renasce com uma faísca de lembrança, mas não com algo inteligente e ordenado.

Platão – com aquele típico sarcasmo dos gregos – diz que os mais apaixonados se atiram para as águas do Leteo e bebem com ambas as mãos, depois adormecem completamente; e que, em vez disso, os prudentes são aqueles que tomam pouco e depois podem lembrar-se de algo.

No mito de Er, Platão desenvolve isto e explica perfeitamente. Lembremo-nos quando ele pergunta a Sócrates: “De onde nascem os vivos?”, e ele responde perguntando: “De onde nascem os mortos? Os mortos nascem dos vivos, e os vivos dos mortos.

Para Platão, Sócrates e toda a linha do pensamento filosófico grego, houve também um ciclo inexorável onde uma mesma Humanidade ia repondo energias, tomando de novo contacto com o mundo e realizando novas experiências.

Isto é verdade ou não? Não é fácil de responder; simplesmente expomos esta forma de pensar para que cada um tenha a sua própria vivência.

Todos sabemos que estamos num mundo governado pela propaganda. A filosofia precisamente, e a nossa posição acropolita dentro da Filosofia, propõe um encontro interior para pensar por si mesmo.

É melhor cometer erros por si mesmo do que ser conduzido a uma forma de verdade que nunca compreenderemos; que nunca nos permitirá ter uma individualidade desenvolvida. Por isso, perguntamos sem esperar resposta: voltamos a viver? Realmente reencarnamos?

Para além do que disseram os hindus, pensemos em aplicar o senso comum – o menos comum dos sentidos – se alguém entrasse pela primeira vez, aparentemente, no recinto onde estamos presentes, e conhecesse perfeitamente a disposição dos móveis e o que contem, o que diríamos? É óbvio que diríamos que já esteve nele antes, porque se não, não saberia.

Como podemos explicar a facilidade de algumas crianças de, por exemplo, manusearem instrumentos musicais aos quatro ou cinco anos, ou a facilidade de alguns escultores que esculpiam naturalmente sem ensino prévio?

Há teorias modernas que tentam explicar isto com a argumentação de um inconsciente coletivo, que através da ancestralidade fisiológica obteríamos poderes anteriores. Mas obviamente isto é menos científico do que pensar que o Homem tem essa possibilidade porque já a teve outra vez. Por exemplo, se alguém, como aconteceu em Itália com um camponês, começa a falar grego perfeitamente é porque se lembra de algo. E se ele também se refere a acontecimentos históricos concretos que nunca testemunhou é porque se lembra de algo.

Em todos nós existe como uma pré-experiência individual, que às vezes se manifesta como uma sensação difusa e imprecisa. Simpatias, antipatias, ansiedades e espanto que não têm explicação lógica...

Então, se não é verdade, é pelo menos possível que tenhamos vivido outra vez. E onde poderíamos ter vivido? Em outro mundo ou neste?

Se estamos preparados para sobreviver neste mundo, é porque podemos voltar a viver neste mundo.

Diz-se que o que anula a teoria da reencarnação é o crescimento populacional. Porque se nos tempos antigos a população mundial foi estimada em menos de 50 milhões de pessoas e hoje há 4000 milhões de pessoas, o que acontece? Existe uma fábrica de Almas? Esta é uma boa pergunta. Mas os mesmos antigos respondem-nos: o número de Almas está fixo. Este número fixo de Almas, ao haver uma grande população física na Terra, tem pouco período celeste, pelo que as Almas são mais “materiais” e o materialismo tende a espalhar-se no mundo, situação que iria coincidir com o que está a acontecer hoje, que as crianças já não mantêm a inocência de outros tempos.

Será certo o que os hindus antigos diziam, que quando há grandes massas de população as Almas reencarnam seguidamente, tendo pouco tempo para se lavarem, para se purificarem?

E que quando há pouca população no mundo as almas têm uma longa vida celestial e é quando os grandes místicos, os grandes filósofos nascem; e as crianças até uma idade avançada continuam a acreditar em contos de fadas e gnomos?

Esta simples conceção metafísica muda todos os nossos conceitos: os conceitos científicos, económicos, políticos, sociais, de relacionamento dos povos; e nos torna melhores, mais generosos.

Entendemos que o mendigo que vemos na esquina de uma rua está a ter uma experiência que podemos já ter tido, ou que vamos passar; e que temos que ajudá-lo, mas não o ajudar porque fica bem, mas porque ele é nosso irmão e companheiro na estrada. Porque todos juntos estamos a viver uma estrada difícil e espinhosa, com altos e baixos. E neste caminho todos nós devemos permanecer com essa consciência da unidade.

Todas estas coisas têm estado dentro de todas as religiões; não estão em oposição a nenhuma religião, uma vez que foram ensinados, de alguma forma, por todos os Mestres.

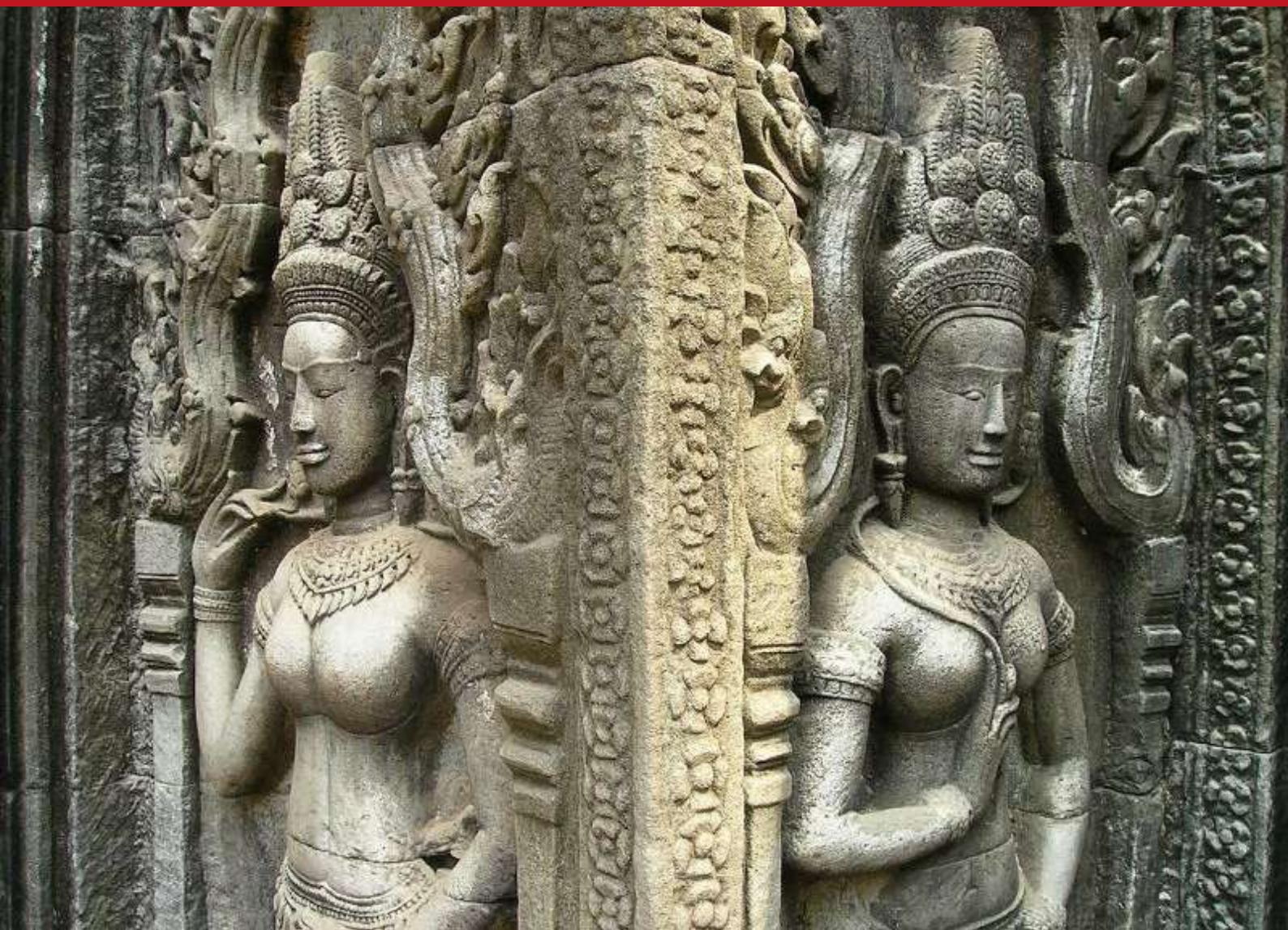
O próprio Jesus disse: “É necessário renascer.” Que pode ser interpretado de várias maneiras profundas.

Estas coisas existem ainda na mente de quem tem um sentido científico de vida, ou um sentido positivo. Porque o que acabámos de dizer é científico e é possível de um ponto de vista positivo.

É necessário refletir sobre estas considerações que nos dizem respeito a todos; sobre saber se vamos voltar a viver.

Eu acho que não voltamos a viver. Eu creio que continuamos a viver. Creio que dizer “voltamos a viver” seria como pensar que morremos em algum instante. Não acredito na morte. A morte não existe; É um fantasma inventado para nos assustar. Nada morre. Tudo se transforma. Tudo muda.

Com a mesma lei que transforma a Natureza, Deus, ou como se queira chamar, é o que nos vai levar na vida e na morte. Quanto nos custou nascer? Tanto como nos custou nascer, nos custará morrer.



Deus hindu em relevo. Angkor Wat, Camboja. © Piqsels

Encontro entre o Oriente e o Ocidente

Por Jorge Ángel Livraga, Fundador da Escola de Filosofia Nova Acrópole

Quando falamos do encontro entre o Oriente e o Ocidente devemos ter em consideração que este remonta aos períodos mais antigos da Humanidade. É impossível fixar uma data aproximada de quando terá começado este contacto. Existem teorias, bastante credíveis, que sustentam que as chamadas invasões seculares, mais tarde chamadas de indo-europeias, teriam vindo da distante Índia ou do Japão ou da China. Existem também, outras teorias, sobre a

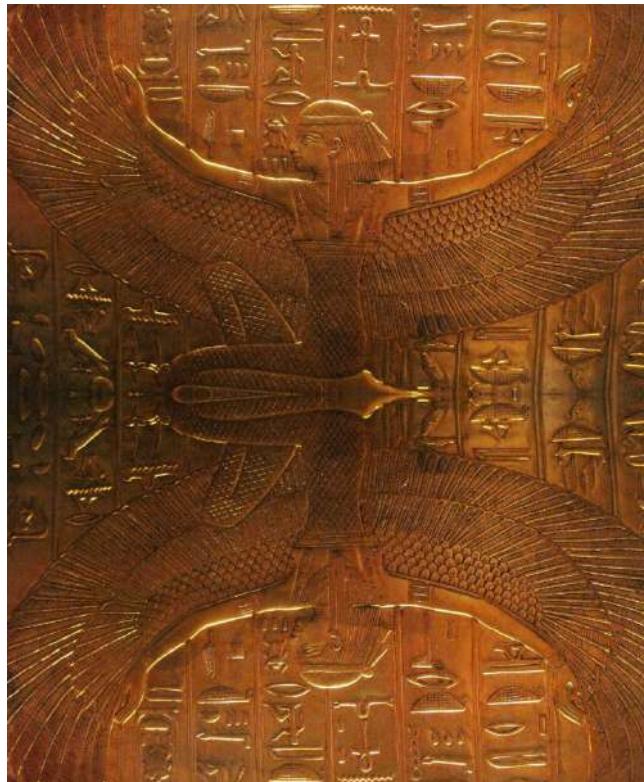
população do continente americano, que sugerem a existência de contactos entre o Oriente e as culturas pré-incas do Peru, ou com as antigas culturas do México e da América Central. É a teoria da passagem pelo Estreito de Bering, e outras mais antigas e esotéricas que nos falam de um continente submerso no Oceano Pacífico, e que através dos vestígios desse continente, as ilhas da Polinésia, Malásia e Micronésia, teriam descido para a América alguns grupos asiáticos.

Seja como for, o que hoje entendemos como mundo ocidental está fortemente impregnado, desde os tempos mais remotos, por correntes do tipo oriental. Dentro das altas culturas, podemos encontrar o elo oriental na Arte e na Filosofia. Por exemplo, nas ilhas Cíclades e em Creta, a influência oriental é muito marcada, e na Grécia os Mistérios Dionisíacos eram caracterizados por um forte estilo oriental. Recordemos que uma das formas de Dionísio, Baco, aparece numa carroça puxada por tigres de Bengala, o que revela sua origem hindu.

Também no Egito e na Ásia Menor a influência é enorme: mesmo nas crenças comuns, na religião difundida no Ocidente como o Cristianismo, não podemos negar as origens orientais. Seja no Antigo Testamento hebraico, que retoma elementos babilónicos e sírios, ou no Novo Testamento, onde encontramos o Apocalipse de São João como uma das formas ou estudos do Livro dos Números, das transmutações, vemos que o pensamento e a arte do Oriente estão presentes.

Os símbolos da religião egípcia passaram, em grande parte, para a área ocidental. Sabemos que na época romana existiam os mistérios de Ísis e Osíris, com seus respectivos templos, e o deus Hermanubis era uma combinação de Hermes e Anúbis. Sabemos que elementos mesopotâmicos como o mito de Gilgamesh e Enkidu, passaram na Europa a conformar o antigo mito de Hércules, o herói solar imortal que luta contra todos os elementos do cosmos transformado numa forma de super-homem capaz de redimir a Humanidade oprimida por vários males.

Na filosofia propriamente dita, a influência do Oriente sobre o Ocidente nos tempos antigos também é notável. Nos pré-socráticos encontramo-la, por exemplo, no grupo de filósofos chamados "Anax", que introduziram elementos orientais na concepção do mundo a partir do elemento fogo. Na Índia, as tradições mais antigas atribuem ao Universo uma origem ígnea; e nos chamados quatro Vedas, que originalmente eram apenas três, o primeiro Veda ou Rig-Veda, é dedicado ao deus Agni, o deus do fogo.



Reflexão de Ísis alada © Domínio Público

Na Grécia também encontramos a teoria do grande Vazio Primordial, no qual se vai gerar todo o Universo. Os orientais conceberam que a origem de todos os universos se devia a um espaço vazio na matéria primordial (em sânscrito "Punto Laya") onde os mundos, os universos, seriam formados.

Séneca, ao referir-se à vida de Nero em Neápolis, conta que recebia visitas de alguns filósofos do Extremo Oriente a quem chamavam de gimnosofos. É óbvio que esses ginastas não foram outros senão os primeiros budistas que conseguiram chegar à Europa. Séneca reclamava dessa influência oriental que, segundo ele, tornava os homens afeminados.

O Oriente é muito antigo e todas as cidades antigas passam por etapas de esmorecimento. O excesso de filosofia, espiritualidade e misticismo pode desvincular-nos da realidade que nos rodeia e tirar-nos a capacidade de trabalho e a agressividade que necessitamos para sobreviver num mundo que nunca foi bom nem justo. Este processo também atingiu a Índia. Na Índia primitiva, as quatro castas que conhecemos hoje não existiam, havia

apenas três. A coroa eram os chamados chatryas, monges guerreiros governantes. O livro chamado Mahabharata, com a sua parte fundamental, o Bhagavad-Gita e Uttara-Gita, refere-se a eles, e o grande herói desta obra é um guerreiro. Daquela época primitiva dos guerreiros, ficará uma imagem muito mais suave, filosófica, contemplativa, que denota um certo cansaço perante o constante esforço da vida. E isso também se estende ao Ocidente do período clássico relacionado com a Índia.

Hoje temos a certeza de que o Oriente e o Império Romano comunicavam através dos viajantes, da Rota da Seda, que da China chega à Europa e que é muito mais antiga do que se acreditava até recentemente. Moedas da época de Nero e Trajano foram encontradas em escavações no sul da Índia, Dravidia. Também descobrimos que certos tecidos e sedas chegaram à Europa pela Rota da Seda.



Rota da Seda. © Creative Commons

Existia um tipo de pólvora ou explosivo que os chineses usavam há milénios para fazer foguetes nas suas festividades religiosas e que traziam de presente para Roma na época de Augusto. Isto foi rejeitado pelos romanos, alegando que poderia ser usado como arma de guerra e que seria incontrolável. Essas influências no Império Romano foram ainda mais acentuadas com a sua queda. No tempo de Constantino e Juliano, surgem correntes dentro do Império, como os neoplatônicos, em Alexandria ou Pérgamo, que citam fontes orientais: do Universo como Macrobius ou ser vivo gigantesco, a teoria do vazio, ou a do alento de Brahma, o grande Deus Universal que expira pelas duas narinas o ar quente e o ar frio, e com isso forma todas as coisas.

Encontramos na toponímia europeia rios e lugares que têm nomes sânscritos e até mesmo hindus. Por exemplo, o rio que nasce na famosa caverna de Covadonga, considerado sagrado desde os tempos dos druidas, que descreve uma queda de cerca de 30 metros e cai num lago, é chamado de Deva. Deva em sânscrito significa luminoso, da raiz dev. Devas são aqueles que no Ocidente seriam chamados de anjos.

Com a queda do Império Romano, o advento da Idade Média e a divisão entre os Impérios Oriental e Ocidental, estes contactos directos com o Extremo Oriente foram interrompidos. A psicologia da Idade Média europeia retarda a influência oriental.

Por sua vez, no Oriente também ocorrem fenômenos extraordinários: por exemplo, a queda dos imperadores budistas, que começou com Asoka na Índia. Surge a invasão muçulmana e, mais tarde, a infiltração nórdica na China, que será coroada com uma dinastia do tipo manchu. Portanto, a Idade Média ocidental não coincide com a Idade Média oriental, mas coincide com uma grande reviravolta cultural, um grande movimento invasivo que rompe as conexões pacíficas entre o Oriente e o Ocidente.

A partir do Renascimento, os contactos com o Oriente começaram a ser restabelecidos. O Egito permanece tão ignorado que retomou o nome grego, que significa "a terra desconhecida, a terra do mistério, a terra do secreto". Na época das Cruzadas, todos os ocidentais que viam as pirâmides acreditavam que eram celeiros da época de Abraão. O Renascimento tem um forte cunho greco-romano e uma forte mensagem do tipo cristão, rejeitando tudo o que é estranho. Por exemplo, quando a arte helénica chega à Índia, ao invés de assimilar elementos que lhe são estranhos, ela vai-se reflectir numa série de modelos, como a arte de Gandhara na Índia, do início do período budista, onde aparecem técnicas e formas ocidentais para representar o Buda, as apsaras e toda uma série de divindades.

Mas o Renascimento passa e novamente aparece a necessidade de buscar algo novo no Oriente, algo

de que necessitamos, e parece estabelecer-se um equilíbrio isostático entre o Oriente e o Ocidente. O Oriente sempre precisa da técnica e da força vital Ocidental, e o Ocidente precisa da parte mística religiosa Oriental. O Ocidente tem tendência a perder elementos místicos, inclusive a sua própria iconografia. Então, deve voltar-se para o Oriente para se poder renovar. Se vos perguntasse sobre o que é ioga ou o que é Kundalini, muitas pessoas me poderiam responder, mas se eu perguntasse o que é a cruz celta de fogo, talvez muitos não soubessem como responder, nem saberiam falar sobre o deus Morcego dos Mochicas, apesar de estarmos no Peru.

çado com as viagens de Marco Polo e com as Cruzadas. Um detalhe que talvez seja ignorado é que a maioria das obras de Aristóteles e Platão são traduções das línguas moçárabes. Eles coletaram os livros antigos e mantiveram alguns originais gregos e latinos. Na época das Cruzadas, livros e elementos culturais perdidos desde a época dos Druidas reaparecem no Ocidente.

Nos últimos séculos, filósofos e artistas foram influenciados pelo Oriente, como Schopenhauer, que leu os Upanishads e resgatou uma série de elementos orientais. Todo o idealismo alemão, em geral, será permeado pelo oriental. Até símbolos



Cerâmica mochica em Huanchaco. © Creative Commons.

Paradoxalmente, há muita mais influência no espiritual, no psicológico e no religioso da cultura oriental do que daquela outra que é nossa, seja por nascimento ou por educação. À medida que o Ocidente perde aquele poder que demonstrou no Renascimento, surge uma nova onda de penetração psicológico-espiritual do Oriente. Já havia come-

como a suástica, que embora apareça em todas as culturas do mundo, é representada desde os vasos mais antigos até às culturas posteriores, pois é um símbolo hindu fundamental, tanto aquele que vira à esquerda como aquele que vira para a direita. O próprio nome, suástica, é sânscrito e significa cruz.

Obviamente, o nosso mundo mecanizado, consumista, e muito rápido, corrompe os elementos orientais muitas vezes. Um homem santo do século passado que veio a pé ou a cavalo não é o mesmo que um guru atual que entra no avião em Benares e desce em Nova York. Aquele homem que na Índia deu palestras gratuitas ao longo do Ganges, agora vai cobrar entrada para as suas palestras em São Francisco, Los Angeles, Filadélfia, seguindo um modelo claramente ocidental, e neste caso negativo.

Desde há um século, que o Oriente exporta algo que estava em falta no Ocidente. Não é novidade, para nenhum de nós, que o Ocidente está em crise e em atitude de busca. Chegamos à alienação de fazer uma apoteose de nossa própria perplexidade, fingindo que estamos eternamente procurando, eternamente em mudança e em desenvolvimento. Isso apenas mostra que não temos nada preciso nas nossas mãos. Se estamos a conduzir um carro, não saímos e pegamos outro só porque sim, porque o que tem algo útil e proveitoso, utiliza-o e não o troca.

O Ocidente, actualmente, baseia todo o seu desenvolvimento no material e no económico, e carece de fundamentos espirituais básicos, em relação à experiência de valores superiores. Existem idealistas, como em toda parte, sociedades espirituais e grupos minoritários, mas em geral as pessoas não têm fé, nem propósito, nem senso de justiça. A Índia, com exceção das grandes cidades, que são iguais em todo o mundo, é muito diferente: as pessoas têm fé e sabem, ou pensam que sabem, de onde vêm e para onde vão. Eles são muito pobres materialmente, em geral. Os mendigos aglomeram-se diante dos templos. Porém, possuem grande segurança interior e agem sem medo da morte, acreditando que, de certa forma, a morte não existe. De acordo com a sua teoria do Karma, todas as coisas têm a sua causa e efeito, e todos nós somos o resultado das nossas encarnações anteriores.

A vigência do Oriente no Ocidente é grande e forte na juventude, mas devemos ter a sabedoria de selecionar os elementos que estão a chegar

e adaptá-los às nossas próprias necessidades. Não podemos dar-nos ao luxo de assumir uma atitude contemplativa e sentar-nos eternamente em meditação. Embora existam elementos úteis em todas essas correntes filosóficas e religiosas orientais, devemos fazer uma selecção natural que nos permita preservar as estruturas positivas do nosso mundo ocidental. A mensagem e a religiosidade do Oriente não é diferente, em essência, de tudo o que foi e é religiosidade no Ocidente. O que é diferente são as características externas.

Na Nova Acrópole existe uma matéria que é Fenomenologia Teológica ou Religiões Comparadas, na qual se estudam as diferentes religiões que existiram na história da Humanidade. Por meio desse estudo sério, que não é baseado em nenhum sistema de fé, mas sim em pesquisas, podemos verificar que todas as religiões são basicamente idênticas. As religiões são adaptações históricas, geográficas e até geopolíticas do mesmo tipo de conhecimento, de sentimento, de necessidade mística e externa. Muitas vezes vemos um oriental em padmasana e pensamos: "Que mantras está ele a dizer! Que fórmulas mágicas!". Se conhecêssemos um pouco de hindi, saberíamos que o que ele está a pronunciar basicamente não é diferente do Pai Nosso, e que os seus conceitos, embora sejam mais desenvolvidos, já que há milhares de anos trabalham com formas religiosas muito elaboradas, na sua essência, não são diferentes dos conceitos de outras religiões. Existem algumas religiões mais agressivas, mas quando elas são estudadas em profundidade, quando se trata de interpretar os seus textos, o verdadeiro significado da cidade celestial que Muhammad promete é visto, e vemos que não há muita diferença com o Devakan oriental; nem entre o Krishna do Bhagavad Gita e o Cristo dos Evangelhos. Os ensinamentos são praticamente os mesmos.

Para além de qualquer relação formal, seria conveniente, um estudo profundo de todas estas crenças para uma interpretação real e aproveitamento da sua mensagem. Porque há uma coisa que não podemos negar: no Ocidente precisamos daquela



Claustro mosteiro. © Pixabay

influência oriental e espiritual, principalmente os mais jovens. É necessário algo para preencher o aspecto místico, algo complexo e profundo que o Oriente pode aportar. Na Índia, por exemplo, existem elaborações intelectuais muito complexas para explicar a constituição interna do homem, bem como de onde viemos e para onde vamos, e como é a nossa vida no invisível.

Curiosamente, nos últimos tempos, as religiões ocidentais quase não falam mais da vida após a morte. Geralmente os sermões falam de problemas sociais e económicos. No entanto, todos nós precisamos saber o que acontecerá connosco após a morte.

O Oriente preenche esta necessidade mística. Também cobre a Parapsicologia. Para os ocidentais, este é um ramo de conhecimento muito novo e recente, baseado em casos excepcionais. Por outro lado, para o Oriente, a parapsicologia está dentro do concerto universal, como algo que todos os homens

têm em potencial, não como algo típico de um ser doente ou louco. No Oriente, os livros anunciam, desde há milhares de anos, as nossas recentes descobertas sobre as bandas magnéticas ao redor da Terra, visíveis das estações orbitais. Eles explicam os cinturões que circundam o Equador e os Chakras terrestres, pontos de confluência de energia. O conceito de átomo provavelmente chegou à Grécia por meio da Índia. Escolas materialistas - escolas que explicam a constituição da matéria - existem há milhares de anos.

Podemos continuar a beber a sabedoria do Oriente. O fundamental é selecionar os elementos para que não nos tornemos seres “contemplativos” no pior sentido, mas sim que possamos “contemplar” no verdadeiro sentido: entrar no templo do Universo, procurar a causa das coisas, mergulhar dentro de nós mesmos para ver de onde viemos e para onde vamos. Tentar ser melhores a cada momento. Um único acto de generosidade diária vale mais do que saber os Vedas de cor.



Narayana como Krisnha a entregar a Gita Upadesha a Arjuna © Wikipédia

Notas sobre a Bhagavadgita

Por Jorge Ángel Livraga

Fundador da Escola de Filosofia Nova Acrópole

É difícil de identificar exactamente quando a *Bhagavadgita* foi escrita, pois as opiniões sobre o assunto são muito diversas. Para alguns, a sua idade é de 5000 anos ou mais, e para outros, é reduzida para quatro ou dez séculos após a era cristã. De qualquer forma, não importa especificar a idade desta obra, pois, em última análise, a sua Mensagem é tão antiga quanto o próprio Homem. Através das suas páginas, podemos encontrar não apenas a história do homem como tal, mas a de todo o universo. Tudo o que existe tem a sua explicação na *Bhagavadgita*.

Isto fica mais claro se procurarmos o significado etimológico na *Bhagavadgita*: “Cântico do Senhor” ou “Cântico do Mestre”. Entendemos por ‘Cântico’ aquelas palavras mágicas da Divindade que, com seu imenso fluxo de conhecimento, nos mostram o significado da vida. Esta música não é para os ouvidos externos; somente os ouvidos da alma podem percebê-la e voar com ela. Esta é a melodia perfeita que nos fala sobre a lei do mundo, e poder ouvi-la é começar a viver harmoniosamente com a lei.

À medida que mergulhamos mais profundamente nesta obra, a nossa atenção é atraída por cinco elementos simbólicos de especial importância.

A Cidade de Hastinapura

Também chamada Cidade dos Elefantes ou Cidade da Sabedoria. O que representa esta cidade e por que está relacionada a elefantes e sabedoria? Para responder a isto, devemos recordar que os Orientais usam muitos símbolos e após analisar o comportamento, a aparência, a conduta e os costumes do elefante, eles escolheram-no como um símbolo da Sabedoria.

Apesar da sua aparência grande e pesada, ele caminha devagar: tem tal sensibilidade que os seus passos não interferem no menor caminho de formigas. Os olhos do elefante são pequenos, eles não se destacam em relação ao seu tamanho e, da mesma forma, no Sábio, a visão do mundo externo pouco importa; mas quem poderia abranger o que os seus olhos internos vêem! As orelhas são grandes, acostumadas a ouvir muito, mas também a entender muito.

No entanto, quando aquele elefante gentil ouve na selva o grito da sua manada, não há obstáculo capaz de o deter: corre e arrasta tudo para se juntar à voz que o chama. É assim também que o Sábio funciona: quando a Voz Superior o chama para a elevação, não há obstáculos no mundo material que o possam retardar.

Sem dúvida, Hastinapura é a Cidade da Sabedoria: o Reino que todo o homem acordado anseia e deve conquistar. Essa é a única possessão do ser humano, porque não é uma sabedoria perecível e fruto de uma cultura específica. É o Conhecimento Eterno que não muda com o tempo. É o que forma a essência de todas as coisas: ele nunca nasceu e também não morrerá.

Os Kurus ou Kauravas

Eles simbolizam a personalidade do homem com os seus múltiplos defeitos. É a imagem do ser mundano, totalmente dividido na ânsia de responder às numerosas solicitações. Ele é o homem que, tão preocupado com o que vê fora de si, se esquece de olhar para dentro. Ele é aquele que perdoa os seus vícios porque se sente mais à vontade em não lutar contra eles. Ele é quem

silencia, pela força, a voz da sua consciência, porque só é ser imperfeito, porque o incomoda o que ouve; mas, ao mesmo tempo, sofre quando imagina qualquer esforço para se corrigir.

Esse conforto, essa inércia, são sinais de morte, porque se a cidade de Hastinapura, a dos altos ideais, não for conquistada, onde viveremos quando a personalidade morrer?

Os Pandavas

Representam as forças benéficas e positivas que forçam o homem a crescer. Neste grupo, estão aqueles que ouviram a sua voz interior e estão dispostos a seguir as suas instruções. Seguir esta Voz significa levantar-se com esforço das próprias ruínas e reconstruir-se, mas desta vez para cima. O homem percebe o Divino e compadece-se da sua pobre condição humana, anula-a, reconstrói-a, aperfeiçoa-a, até que se assemelhe ao modelo proposto.

Arjuna

É a imagem de toda a humanidade. Cada um de nós trava, ou algum dia travará, a mesma batalha que Arjuna. Quem nunca sentiu o desejo de vencer? Quem não entendeu que esta superação é acompanhada de esforço e dor? Quem, em algum momento, não se acostumou perante esta perspectiva?

Mentiríamos se disséssemos que nunca nos sentimos abatidos perante as dificuldades. Mas também mentiríamos se tentássemos convencernos de que é melhor não lutar. Há algo que nos faz sentir mais seguros, mais acompanhados: o saber que não estamos sozinhos na luta. Se nos virarmos e perguntarmos a quem está ao nosso lado, veremos que de maneira semelhante à nossa, esse ser também está a viver as suas batalhas.

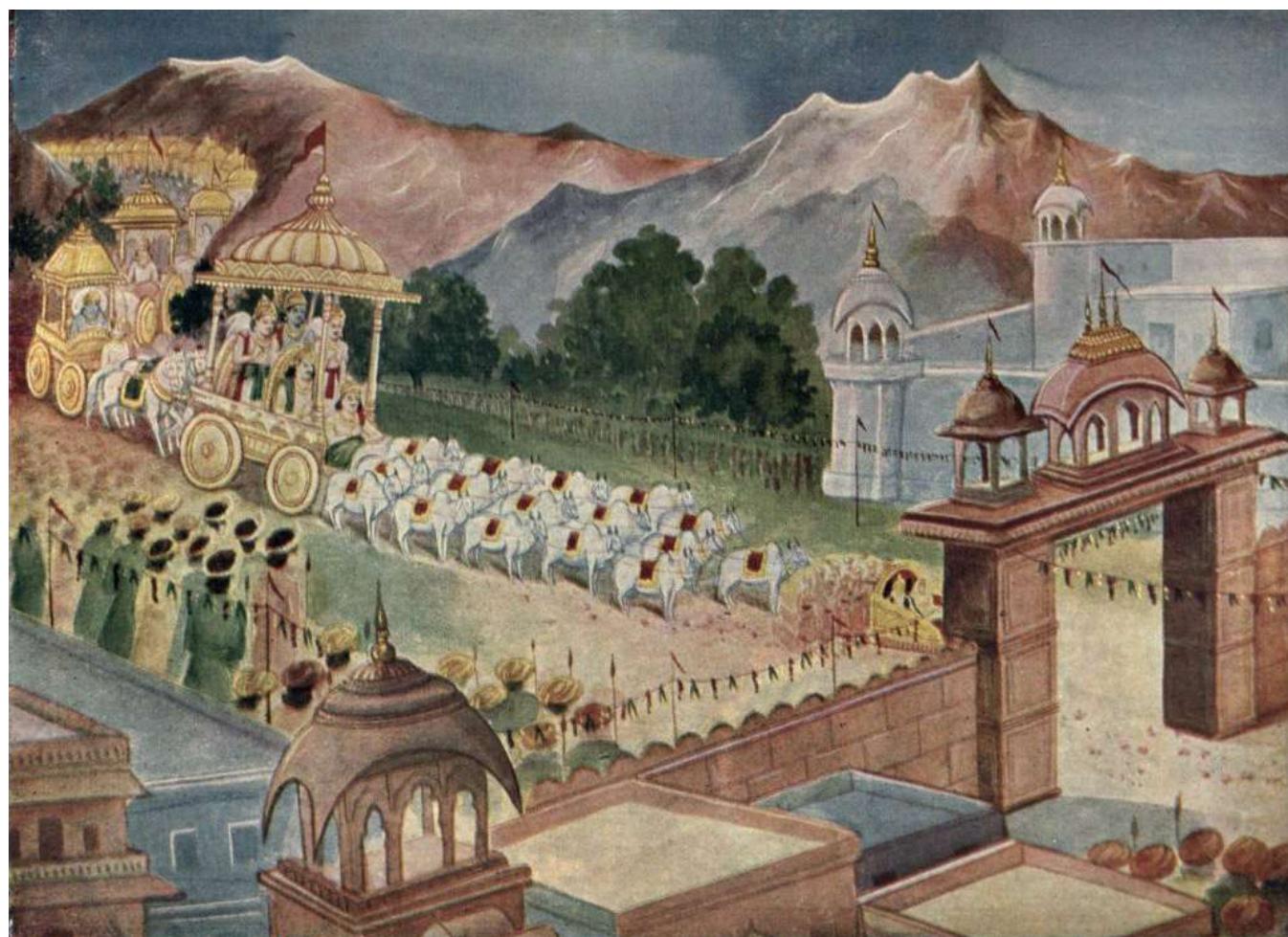
Sentir e saber que toda a Humanidade trabalha para a superação, é o maior incentivo que nos leva a unir-nos e a não perder um instante, porque uma fraqueza nossa poderia pôr em causa o trabalho do mundo.

E não vamos pensar apenas nos homens. Já vimos uma planta crescer e observámos a paciência que uma flor precisa até se abrir? Se toda a Natureza colabora no mesmo plano, o homem, sendo dotado de razão e vontade, vai desistir? Não. Não vamos desanimar. A pequena derrota de um dia não significa a batalha perdida. A batalha é vencida dia após dia, semeando esforços, ganhando vida. O Homem, para ser chamado assim, deve ganhar este nome com trabalho. Não são Homens todos os que nascem, mas aquele que se faz a si mesmo. Não vamos pensar que estas são palavras vazias; também não acreditamos que se consiga alguma coisa aprendendo-as de cor: é necessário vivê-las. Sentir os “puxões” do que está acima e do que está abaixo diariamente, e ir traçando o caminho.

Krishna

Representa, na *Bhagavadgita*, a encarnação da Divindade Suprema, mas ele também é o Mestre,

o conselheiro que abre o caminho de Arjuna. Possivelmente acreditamos que na rotina da nossa vida diária não encontraremos nenhum Krishna para nos ajudar durante a batalha, mas vamos pensar um pouco melhor: não vamos procurar um Krishna externo, porque se aprendermos a conhecer o nosso Eu Superior, encontraremos o Grande Mestre. Como reconhecer o nosso Eu Superior? Quando nos tocam o coração palavras de amor, de arrependimento pelos erros, de total altruísmo; quando ouvimos palavras que nos embaraçam por vivermos de forma tão antagónica a estas; quando tentamos afogar esta voz, porque pensamos que obedecer-lhe representa um sacrifício, então, este é o Eu Superior que nos está a falar. Sim, é sem dúvida difícil agir de acordo com a voz do altruísmo. É possível que no início da luta haja mais dores do que alegrias. Mas, no final deste caminho, a Felicidade Suprema espera-nos: sermos nós mesmos, permitirmo-nos caminhar na direcção desse Eu que é naturalmente capaz de percorrer o Caminho.



Yudhisthira, o mais velho dos cinco Pandavas, chega a Hastinapura no final da guerra no Kurukshestra no épico Mahabharata.
© Wikipedia



Siddhartha Gautama, o Buda

Por Jorge Ángel Livraga

Fundador da Escola de Filosofia Nova Acrópole

Buda, o Senhor do Lótus, transmitiu para a posteridade a religião que, de todas as que conhecemos, menos sangue fez derramar. E ainda que só fosse por isso, merece ser bendito.

Por inumeráveis que sejam os seres sensíveis,
Prometo salvá-los,
Por inesgotáveis que sejam as paixões,
Prometo extingui-las,
Por incomensurável que seja o Dharman,
Prometo investiga-lo.
Por incomparável que seja a verdade suprema,
Prometo lográ-la.

Siddharta Gautama, o Buda, foi assim chamado, segundo H.P.Blavatsky, porque o primeiro era o seu nome pessoal e o segundo o nome sacerdotal da sua família Sakhya; daí o epíteto de Sakhyamuni ou o Santo da família Sakhya. A palavra Siddharta dever-se-ia aos seus poderes paranormais e refere-se ao Sidhi; é «O Poderoso», aquele que se completou a si mesmo. Gautama significa literalmente «Pastor de vacas», pois no hinduísmo, a vaca Go é sinónimo do universo e também da Mãe do Mundo.

Buda significa «O Iluminado» e é um qualitativo genérico outorgado a muitos grandes místicos

anteriores e posteriores a ele, em todas as línguas da Terra. (Por exemplo, em grego «Christos» tem o mesmo significado, e foi assim que chamaram ao Mestre Galileu a partir do século IV-V).

Podemos considerar a sua existência sob duas chaves: a história e a mítica ou religiosa, não podendo evitar que ambas se confundam na fé dos seus crentes, como aliás sucede em todas as religiões conhecidas.

“Gautama significa literalmente «Pastor de vacas», pois no hinduísmo, a vaca Go é sinónimo do universo e também da Mãe do Mundo.”

HISTÓRICA: nasceu no seio de uma família nobre, da Casta Kchattrya ou guerreira, no actual Nepal, no palácio real de Kapilavastu, a uns 50 kms a nordeste da cidade de Benares. As investigações modernas dão-nos a data de 563 a.C., que coincide aproximadamente com as tradições antigas indianas, que situam o seu nascimento entre 600 a.C. e 543 a. C.

O seu pai foi o rei Suddhodhana, e a sua mãe, a princesa Maya, proveniente de um reino vizinho. Naquela época, a Índia passava por um dos períodos de tipo feudal, ou seja, estava composta por pequenos Estados, à semelhança da Grécia clássica. Suddhodhana significa «arroz puro» e Maya ou Mayadevi, «Ilusão luminosa». A criança nasceu no mês equivalente ao nosso mês de Maio e destacou-se imediatamente pela sua beleza física e intelectual. Ficou órfã de mãe muito cedo e foi criada pelo seu pai, que casou em segundas núpcias com a princesa Gautami, provável parente próxima de Maya, quiçá a sua irmã mais nova. Siddharta foi educado, desde os sete anos de idade, pelo mestre Vizvamitra e o seu conselho de anciões sábios.

O futuro Tathagata, «O Predicador», cedo mostrou um carácter introvertido. Um dos seus mestres descreveu-o assim:

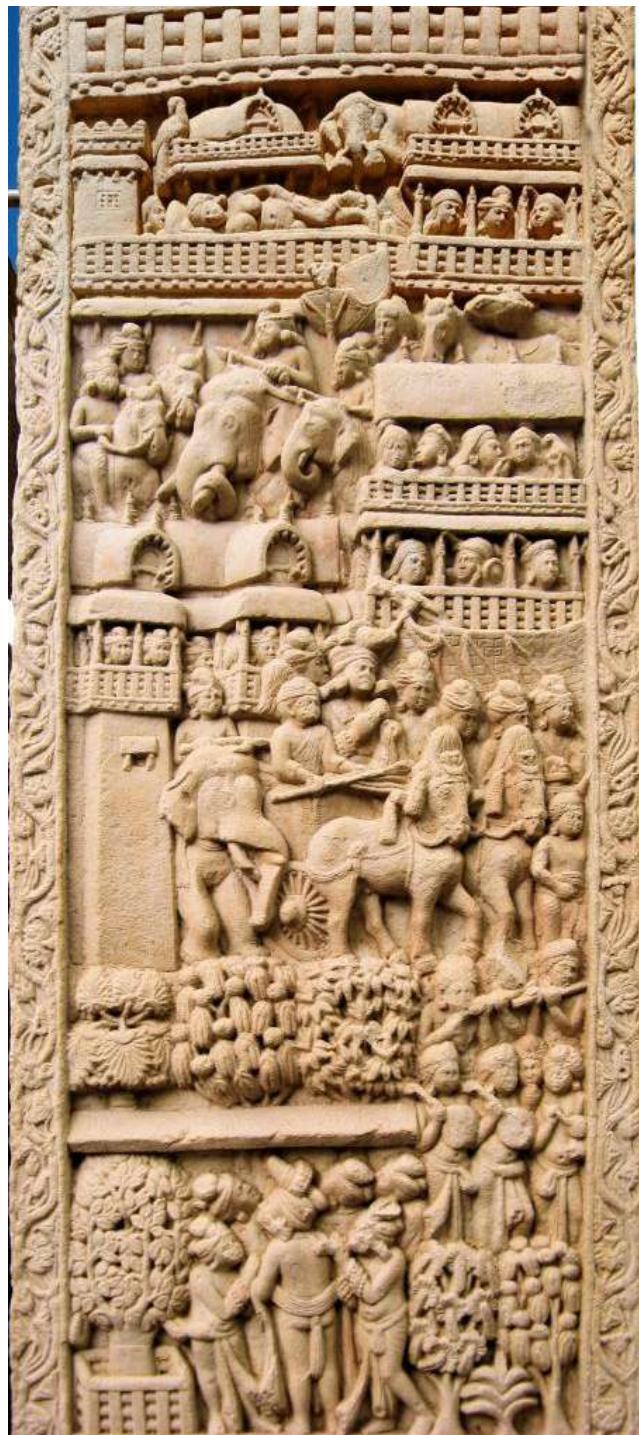
«Os grandes olhos fixos desta criança, que brilhavam sob uma fronte extraordinária abobadada, contemplavam o mundo com assombro. Havia nesses olhos abismos de tristeza e de recordações. Passou a sua infância

no jardim sumptuoso de seu pai, no meio do luxo e do ócio. Tudo lhe sorria, mas nada podia afastar aquela sombra precoce que velava o seu rosto; nada podia acalmar a inquietação de seu coração. Era uma daquelas crianças que não falam, porque pensam demasiado para a sua idade.»



Príncipe Siddhartha a ser criado pela rainha Mahaprajapati Gautami

Outros fragmentos da época relatam que, forçado pelos costumes a participar em expedições de caça, ao ver voar as flechas, fixava nelas os seus olhos e estas desviavam-se no ar, salvando-se assim o animal. Estes e outros fenómenos a que chamaríamos hoje parapsicológicos, unidos à sua tendência para uma excessiva atitude meditativa, acabaram por alarmar o rei. Preocupado em encontrar um herdeiro mais normal para a Coroa, arranjou apressadamente um casamento com a filha do rei de Coly, chamada Yasodhara ou também Gopa. Mas o pai da eleita não quis dar a mão da sua bela filha a um «anormal», pois tinha em vista muitos outros príncipes mais amantes da guerra e das competições cinegéticas.



Procissão do rei Suddhodana de Kapilavastu, que encontra o seu filho Siddhartha a vir pelo ar (cabeças erguidas na parte inferior do painel), para lhe dar uma árvore Figueira do Bengala (canto inferior esquerdo) © wikipedia

O jovem Siddharta tinha uma boa figura, e nas poucas práticas de artes marciais em que se viu obrigado a participar, foi sempre o melhor, dava a ideia de não necessitar de mestres para nada, desde o uso do arco à dança e da sobrevivência

na selva à composição e execução musical. Mas, para os costumes da época, era muito estranho que um príncipe tão jovem estivesse sempre rodeado de filósofos, santos, cientistas e poetas, menosprezando as vestimentas luxuosas e as belas escravas.

O rei Suddhodhana, desesperado e ofendido, queixou-se ao seu filho pelo muito que este o fazia sofrer. Siddharta, como que despertando de um sonho, sorriu-lhe bondosamente, prometendo-lhe que as suas penas iriam acabar. Assim, aceitou medir forças, em qualquer terreno, com todos os aspirantes à mão de Gopa.

Formalizaram-se as justas, nas quais competiriam numerosos príncipes provenientes de vários reinos, pois a princesa era muito bela e muito rica. Começaram por disparar arcos, mas os de madeira, comuns, estilhaçavam-se nas mãos de Siddharta. O seu próprio pai mandou, então trazer o velho arco do seu avô, o gigantesco rei Sinhajana, que estava depositado num templo, e que requeria vinte homens para o transportar, devido ao seu tamanho descomunal e aos materiais pesados com que fora construído. Colocado nas mãos dos príncipes, ninguém conseguiu levantá-lo à exceção de Siddharta, que o fez com um só dedo da sua mão direita. Em seguida, esticou-o facilmente e disparou, acertando na mouche a uma distância incrível. Já ninguém mais quis competir com ele e, após a tradicional festa, casou-se com Gopa. Para o casal, belíssimo e famoso, o rei Suddhodhana mandou construir três palácios: um de Verão, outro de Inverno e o terceiro no sopé dos Himalaias, para a época das chuvas. (Na Índia antiga, como na Grécia pré-clássica as estações eram três e não quatro).

Assim viveram quatro anos, ao cabo dos quais Gopa deu à luz um menino, a que o seu pai chamou «Rahula», ou seja Cadeia ou Amarra. Depois, Siddharta regressou à vida ascética e mandou dizer a seu pai, o rei, que tinha cumprido o seu desejo: a dinastia não se extinguiria.

O rei ficou horrorizado quando ouviu a notícia, pois a situação económica do reino era muito precária, debilitada por gastos excessivos e, além disso, os seus belicosos vizinhos estavam a preparar-

-se para uma guerra entre coligações. Ele próprio sentia-se um pouco velho para conduzir os seus exércitos e, tendo um filho tão excepcionalmente sábio e forte, pediu-lhe que voltasse à normalidade e se preparasse para atacar os seus vizinhos antes que estes se tornassem demasiado fortes. Temia, especialmente, uma invasão do reino de Kosala (efectivamente, cinquenta anos após a morte de Buda, Kosala anexou pela força todo o reino Sakhya), mas desta vez, o príncipe não aceitou. A causa desta recusa é vista de diferentes maneiras pelos historiadores: para uns, deve-se a uma razão meramente de ordem moral: para outros, ao facto de o exército dos Sakhya estar preparado somente para uma acção defensiva, à qual se tinha dedicado com muito êxito durante quase um século.

Siddharta tornou-se, pois, monge peregrino (coisa que, em princípio, não podia alarmar demasiado o rei, já que era moda entre os príncipes daquela época). O rei, como os pais actuais, pensou que o filho iria abandonar rapidamente essa obsessão; mas Siddharta não era um homem como os outros e nunca mais voltou à Corte. Quando partiu, em plena noite, de um dos seus palácios, tinha 29 anos de idade. Historicamente, o seu rastro perdeu-se e o mito sepulta-o. Aquela era uma época de convulsões políticas, sociais e religiosas na Índia, e muitas correntes pugnavam entre si, destacando-se o Jainismo e a leitura dos Upanishads.

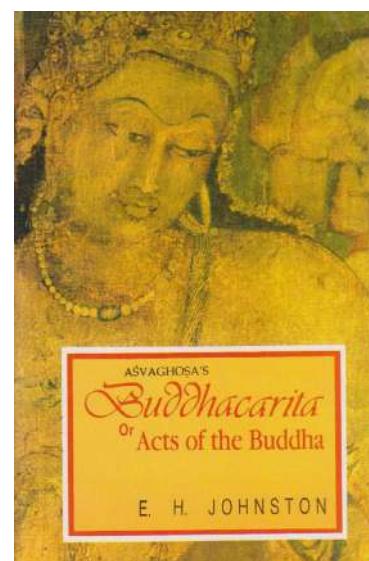
Siddharta peregrinou durante cerca de quarenta e cinco anos e é provável que antes de fundar a sua própria Escola místico-filosófica (que não pretendia ser uma nova religião) tivesse tido contacto com muitos sábios, dos Himalaias até ao Ganges, especialmente com yoguis e faquires, já que estes eram os mais numerosos. Por fim decidiu fundar o Sangha (uma confraria mística) que não contava com mais de uma dúzia de discípulos varões. Este movimento espiritual cresceu rapidamente, pelo que tiveram também de aceitar mulheres. Conta-se que o Buda, ao dar a sua aprovação, fez o seguinte comentário jocoso: «Agora o Sangha durará quinhentos anos menos».

Os dados históricos são cada vez mais escassos. Não há provas de que tenha viajado fora da Índia, embora a sua doutrina cedo se expandisse, principalmente

na China. Sabe-se que ao aceitar mulheres na sua Ordem, coisa insólita naquela época, foi acusado de promover delitos sexuais, tendo-lhe valido a sua pureza de vida, a sua aguda dialéctica e a sua condição de ex-príncipe, que o salvaram mais de uma vez da condenação à morte.

No bosque de Kusinara, debaixo de árvores de sândalo, morreu tranquilamente com a idade de 81 anos. Talvez tenha morrido simplesmente de velhice, embora os documentos mais antigos falem de uma ingestão de javali, e os investigadores actuais, de disenteria (é oportuno assinalar que o javali, animal dedicado a Vishnu, era um símbolo da Sabedoria Divina, da qual o Buda teria «comido» demasiado para continuar a viver nesta terra).

MÍTICA ou RELIGIOSA: Há três textos chamados «Evangelhos» pelos ocidentais, que narram a vida do Buda: um, o Asvagosha Bodhisatva, também chamado Budacrita; outro, o Mahavastu (Grande História); e o terceiro, o Lalita Vishtara, o mais esotérico de todos, pois identifica o Buda com toda a Humanidade e, assim, narrando as anteriores reencarnações do grande sábio de maneira mística, ensina sobre o que foi a Humanidade no mais remoto passado, quando habitavam formas animais num planeta que hoje se converteu em satélite, a Lua. Também existe uma biografia escrita tardivamente por Dharmaraya em 308 d.C. Tomamos com fonte principal o Asvagosha, ou versão hindu. Também há versões chinesas, japonesas, coreanas e da escola Zen.



Siddharta nasceu no segundo dia da lunação de Maio do ano de 621 a.C., no reino de Kapilavastu. O seu pai foi o rei Suddhodhana e sua mãe Maya, ou Mahamaya (a grande ilusão), que morreu do parto sete dias após o nascimento do Sarvarthasiddha (O Poderoso). A mãe, antes de morrer, fez o rei jurar que se casaria com a sua tia, Mahaprajapati Gautami, e que cuidariam da criança já tida como excepcional, como um Avatar (portador do Ensínamento Divino, receptáculo com aparência humana da Divindade que vela pelos homens, Vishnu).

A criança não nascera como os outros homens, pois, embora os seus pais estivessem casados, o matrimónio não fora consumado por motivos rituais. A Virgem Maya teve a visão de uma forma de Vishnu como filho de Shiva: o deus da Sabedoria, Ganesha. Era um grande elefante branco que lhe roçava o ombro esquerdo, dizendo-lhe que assim ficava grávida e que seria mãe de um Buda. Cumpridos os nove meses deu à luz o Menino. Este, mal nasceu, ergueu-se robusto e deu sete passos na direcção de cada um dos pontos cardinais. Os místicos brahmanes encontraram no seu corpo os trinta e dois signos da perfeição. Conhecida a notícia, vieram adorá-lo magos e reis de longínquos países. Os profetas e astrólogos coincidiram em afirmar que tinha nascido um Avatar e os velhos textos falam-nos da luta interior do jovem príncipe, forçado a viver a vida da corte.

Um capítulo deste Evangelho, chamado «Tédio e Tristeza», diz-nos que o rei, para alegrar o seu filho e evitar que abandonasse o mundo por piedade para com os homens, fazia engalanar as cidades que visitava e retirava da sua vista os doentes, tolhidos e anciãos. Também não lhe permitia ver um morto. À sua passagem, tudo resplandecia de felicidade, juventude, saúde e ausência de tristeza.

O Mestre Visvakarman, o Ensamblador de todas as coisas já não tinha mais nada para lhe ensinar e o jovem insistiu em visitar uma cidade do seu reino.

Alertado, o rei mandou preparar as ruas por onde o príncipe iria passar, para que a cidade tivesse a aparência de um paraíso terreno, limpa e cheia de gente jovem e bela. Porém, um Devarishi (uma forma

de anjo sábio) salvou Gautama do engano, surgindo-lhe, de repente, diante do seu carro de guerra, como velho arquejante; o príncipe perguntou ao seu auriga quem era esse homem encurvado, enrugado e vacilante. «É um velho, senhor», respondeu o cocheiro. Após uma curta reflexão, o Buda perguntou-lhe novamente se esse estado era normal, se o seu pai e ele próprio chegariam a essa decrepitude. Perante a resposta afirmativa, o jovem sumiu-se em obscuras meditações.

Em seguida, o astuto Deva apresentou-se-lhe como um homem enfermo, com o rosto deformado por horríveis cicatrizes provocadas pela varíola e com a pele a cair aos bocados pela lepra. «E isso, o que é?», perguntou-lhe horrorizado o príncipe. O auriga, inspirado pelos Deuses, explicou-lhe que ninguém está livre das enfermidades que ceifa a vida antes de se chegar a velho. O príncipe, face a esta segunda crise, permaneceu de novo fechado sobre si mesmo. O Deva, um pouco mais adiante, fez passar uma caravana mortuária com um cadáver para ser cremado. De novo, Siddharta perguntou ao seu auriga o que significava aquilo que estava a ver; se o homem dormia, e por que é que estava tão pálido, seguido de carpideiras e de parentes enlutados. Respondeu-lhe o auriga que se tratava de um morto e explicou-lhe que esse é o fim de todo o ser vivo. Perante tal resposta, o jovem teve a sua terceira crise e perguntou: «Por que é que existem velhos, doentes e mortos?». O auriga não lhe soube responder satisfatoriamente e, então, o futuro Buda – pois ainda não tinha alcançado a Iluminação – disse-lhe que só via ignorância nele e que o seu conhecimento não lhe servia de nada.

Quando o rei se inteirou do sucedido, mandou construir três palácios maravilhosos (Suba, Surama e Rama), com a intenção de eliminar tais experiências da mente do filho. E procurou para ele uma esposa muito bela chamada Yashodara, filha do rei de um Estado vizinho, Dandapani, a fim de o distrair das suas meditações. Nas provas de competência com outros robustos príncipes, Siddharta venceu-os a todos com o arco mágico Sinhajana (talvez o deus-leão Indra), que não era usado desde a época dos gigantes, há muitos milhares de anos. Domou um

cavalo negro graças à persuasão, sem utilizar o látego (o cavalo era o símbolo dos Poderes Cósmicos), e também atravessou a nado, mais rápido do que qualquer outro, um imenso lago cheio de lótus. Por fim, umas belíssimas formas femininas, chamadas Apsaras, tentaram-no e ele respondeu: «Afastem esses sacos de podridão que estão à minha frente». Um sábio brahmane procurou refutar as suas novas ideias, mas Siddharta emudeceu-o com a sua enorme sapiência.

Casou, teve um filho a que deu o nome de «Cadeia» e, cumpridas as suas obrigações reais, passando as provas de Terra, Água, Ar e Fogo, partiu uma noite de um dos seus palácios, no seu cavalo Chandaka, o qual voltou para junto do rei e, antes de morrer, pronunciou com dificuldade as seguintes palavras: «Nasceu um Buda». (Chandaka ou Kandaka era o nome do seu cavalo e também o do seu auriga que antes o tinha acompanhado).

Siddharta entregou-se então a uma peregrinação interminável e caiu nos mais terríveis ascetismos. Já quase moribundo, passou diante dele uma tocadora de vina (tipo de guitarra com a caixa em forma de alaúde), cantando: «A corda frouxa não dá som, e se está muito tensa quebra as nossas esperanças; no justo meio é quando nos dá a sua harmonia». Siddharta ouviu-a e compreendeu a mensagem dos Deuses; alimentou-se de arroz e leite e saiu da sua prostração. Em seguida, pediu a um segador um feixe de erva (a sagrada erva Kusha), e sentou-se sobre ela, debaixo de uma grande árvore bo (emblema da Árvore da Vida). Aí, em vigília perpétua, chegou ao seu Verdadeiro Estado de Libertaçāo, fortemente comprometido com a Natureza e a Humanidade. Viu as causas da dor, as doze Nidanās e também o remédio para elas.

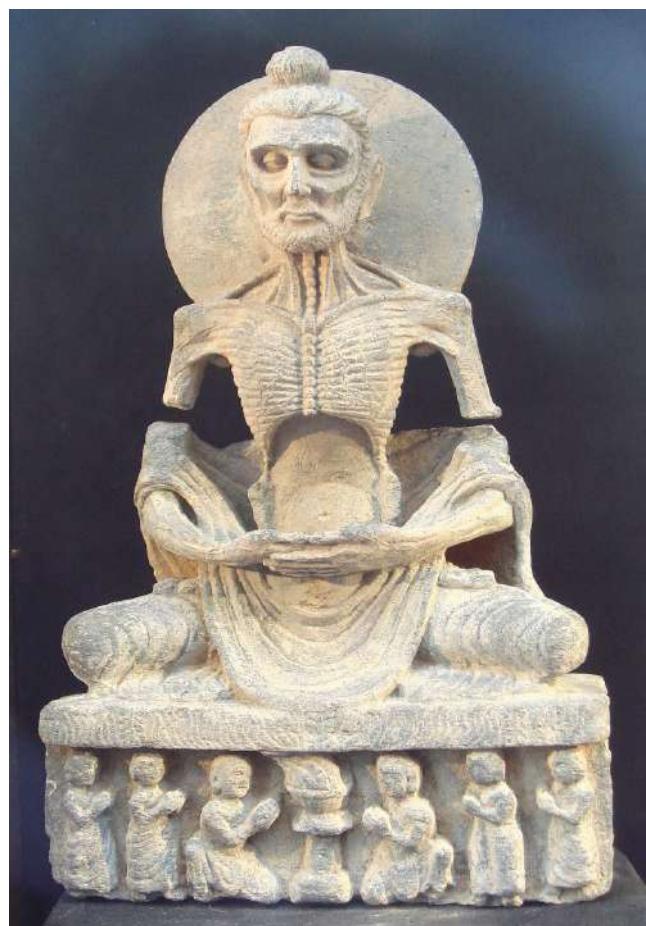
O SEU ENSINAMENTO

Por razões de espaço, apenas faremos um breve resumo. Um elemento fundamental é o Ariya-atthangika-magga, conhecido como Nobre Óctuplo Caminho.

Consta de:

- Conhecimento Recto.
- Intenção Recta.
- Palavra Recta.
- Conduta Recta.
- Esforço Recto.
- Meios de Vida Rectos.
- Pensamento Recto
- Concentração Recta.

Após a fundação do Sangha, deu aos «monges» dez Paramitas (virtudes transcendentais) e seis para os laicos.



Siddhartha em meditação, representado extremamente magro devido aos intensos jejuns que fazia. © wikipedia

Ensino que há dez vícios capitais: três do corpo, quatro dos lábios e três da mente. Estes são: matar, roubar e fornigar; mentir, caluniar, insultar e dizer palavras correctas com intenção incorrecta; o ódio, a inveja e o ateísmo.

A sua doutrina, que se resume no chamado Sermão de Benares, baseia-se na auto-realização do homem. Nem os demónios podem, realmente, rebaixá-lo, nem os deuses elevá-lo, salvo com a cumplicidade ou a colaboração do próprio ser humano. No Budismo não existe a ideia de uma «salvação», nem a de um «Deus pessoal». O homem está preso apenas pela sua ignorância, que o faz equivocar-se e reencarnar inúmeras vezes, buscando a experiência que lhe falta. Deus não desce até aos homens, mas são estes que devem elevar-se até ao divino, onde a Luz é permanente e os lótus não fecham as suas pétalas (Nirvana ou Sangri-lah). O Dhammapada (em sânscrito Dharmapadha), dir-nos-á: «O homem que se vence a si mesmo é mais forte do que o que vence mil homens em combate».

Nirvana significa, literalmente «sair do bosque», ou seja, sair da confusão, das trevas e da pluralidade. É a meta última do homem como tal. Mas não é o fim de tudo, pois, segundo o Budismo Esotérico, para além há mais estados misteriosos que se englobam na expressão «Paranirvana Moksha».

Para Buda, a pessoa (persona) ou quaternário inferior é mortal por necessidade, pois está no tempo e «tudo o que nasce deve morrer». Imortal é o espírito que está para além do eu mental, egocêntrico e egoísta. O verdadeiro triunfo não radicaria, segundo este Avatar, em dominar apenas o corpo, mas também o pensamento e o separatismo do eu... tu...ele, etc. Para poder alcançá-lo realmente, o homem deve sentir a necessidade imperiosa de se libertar do ciclo vida-morte. Enquanto viver apegado à sensação e à ignorância, é melhor deixar para a moral mecânica da Natureza, através das reencarnações, o trabalho de purificação. Assim, aquele que mais do que um fundador de uma religião foi um filósofo esotérico, criou dentro do milenário Brahmanismo uma revolução ideológica e de costumes, pois os brahmanes, que estavam sujeitos a um ceremonial muito estrito, a um sem-número de superstições e de tabus, foram fortemente afectados por esta corrente de ar fresco que, sem negar a Tradição Interna, desaconselhava passar a vida a fazer cerimónias já vazias de sentido, esperando que os Deuses ajudassem o homem.



Monges budistas na Tailândia © wikipedia

Tal como Sócrates, recomendou o «Conhece-te a ti mesmo».

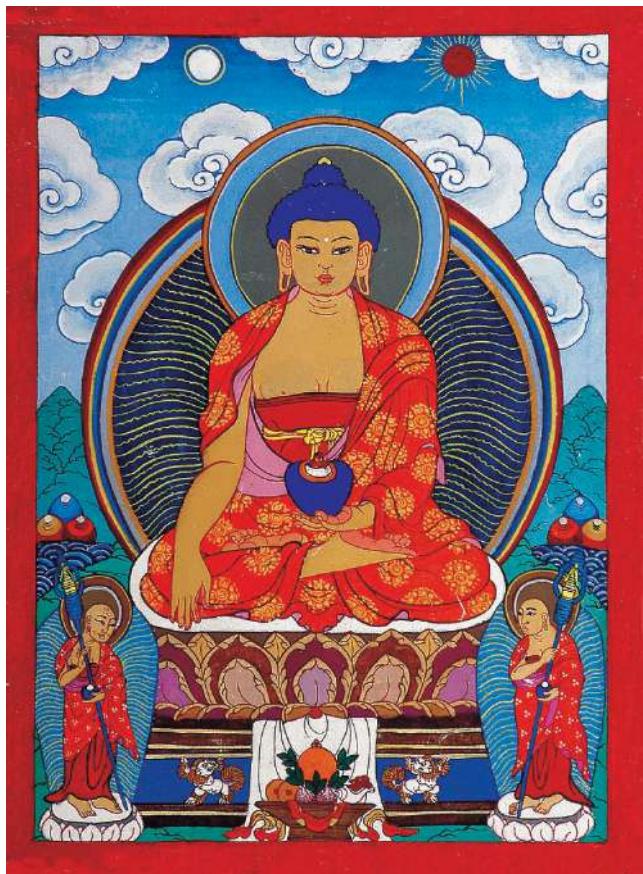
Após a sua morte, os seus discípulos foram perseguidos pela «religião oficial», e só alguns séculos mais tarde, como um Constantino oriental, surgiu o imperador Asoka, chamado «o cruel», o qual, em meados da sua vida, abraçou os ensinamentos do Buda, tendo-os imposto no Império de uma Índia que acabara de superar uma das suas épocas de feudalismo. Porém, esta situação não iria durar muito, pois no século VIII surgiu a invasão muçulmana que obrigou a uma nova fragmentação.

O Budismo, agora dividido em Mahâyâna (o Grande Veículo) e Hinayâna (o Pequeno Veículo), penetrou profundamente na China e nouros países do Oriente. As novas investigações afirmam que também se expandiu pontualmente no Ocidente durante o século III a.C., devido aos contactos estabelecidos por Alexandre Magno, o qual deixou igualmente a sua marca no pensamento e na arte hindu através do período «Gupta». Alguns filósofos budistas e brahmanes deambularam pelo Ocidente, pelo menos até ao século I-II d.C., sendo conhecidos como «gimnosofistas».

O Budismo caracterizou-se e caracteriza-se por não ter um, mas muitos chefes espirituais, e por uma grande liberdade de expressão, que o enriqueceu, mas também o debilitou. Até aos finais do século XIX e primeiro quartel do século XX, foi a religião com mais adeptos no mundo, mas a queda da China na guerra civil e a posterior penetração de formas assimiladas do marxismo, assim como a influência ocidental que se reforçou no Japão e em todo o Extremo-Oriente após a Segunda Guerra Mundial, deixou-a num provável terceiro lugar e, como todas as religiões actuais, excepto a muçulmana, tende a perder influência.

Não obstante, nos seus vinte e cinco séculos de vida demonstrou uma grande capacidade de sobrevivência e, salvo no já muito longínquo momento de Asoka, podemos afirmar que é a forma de fé menos inclinada para a violência e para o domínio do mundo material e das riquezas. Salvo raras exceções, como no caso dos Khmeres

vemelhos, não se misturou nem se mistura em questões políticas, pois nela prevalece o velho espírito da temporalidade das coisas e da busca individual de uma paz interior a todo o custo, unida a uma grande humildade. O Buda disse: «eu verei as costas do último homem a entrar no Nirvana».



Pintura do Buddha a fazer o gesto de “tomar a Terra como testemunha”, Otgonbayar Ershuu © wikipedia

Segundo H.P.Blavatsky, o Budismo, nas suas origens, não teve quase nada de original, pois Siddharta limitou-se a exteriorizar uma forma de Budismo Primitivo, a Mística da Luz ou da Iluminação, que já existia desde há milhares de anos na zona norte da Índia, especialmente no Tibete. É muito difícil, se não mesmo impossível, provar ou negar esta afirmação.

De qualquer modo, o Senhor do Lótus transmitiu para a posteridade a religião que, de todas as que conhecemos, menos sangue fez derramar. E ainda que só fosse por isso, merece ser bendito.

CURSO



FILOSOFIA PRÁTICA



Conhecer-se a si mesmo

O conhecimento de si mesmo é a chave de todo o conhecimento superior e da compreensão da Natureza; é o primeiro passo na transformação de nós próprios.

No entanto, nem sempre pensamos, sentimos ou agimos como gostaríamos. Temos sentimentos indesejados, alegrias fugazes e relacionamentos complicados.

Uma sábia gestão emocional pode resolver muitos dos nossos problemas, ajudando-nos a conviver com tudo o que nos rodeia.



A harmonia do mundo

Há na natureza uma harmonia com a qual podemos entrar em sintonia.

A sociedade e a harmonia nas relações são construídas por indivíduos conscientes e ativos nessa construção de um mundo melhor.

A filosofia dá-nos pistas sobre como quebrar as correntes da ignorância pessoal, do preconceito e do medo para uma sociedade mais aberta e mais livre.



O sentido da existência

Uma vida com sentido não é algo assim tão distante como se poderia pensar.

Ela está enraizada no exercício das nossas melhores capacidades inatas como a força de vontade, amor e empatia, criatividade, coragem e resiliência, atenção e serviço ao outro.

A prática das virtudes próprias do ser humano confere um sentido a cada um dos nossos actos e integra-nos com o caminho da humanidade.

pandava
a esoteria da india

**PANDAVA É UMA REVISTA
INTEIRAMENTE REALIZADA
POR VOLUNTÁRIOS DA
NOVA ACRÓPOLE DE PORTUGAL**

WWW.NOVA-ACROPOLE.PT